



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E  
FRONTEIRAS**

**MARCELO MASSUO OKASAWARA**

**DAS FLECHAS AO FUZIL: O CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DO  
“GUERREIRO MILITAR” A PARTIR DO “GUERREIRO INDÍGENA”**

**BOA VISTA - RR  
2023**

**MARCELO MASSUO OKASAWARA**

**DAS FLECHAS AO FUZIL: O CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DO  
“GUERREIRO MILITAR” A PARTIR DO “GUERREIRO INDÍGENA”**

**Dissertação apresentada em  
cumprimento às exigências do  
curso de Mestrado, sob  
orientação do Prof. Dr. Alfredo  
Ferreira de Souza**

**BOA VISTA - RR  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

O41d Okasawara, Marcelo Massuo.  
Das flechas ao fuzil : o caminho da construção do “guerreiro militar”  
a partir do “guerreiro indígena” / Marcelo Massuo Okasawara. – Boa  
Vista, 2023.  
64 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Souza.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,  
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Práticas e representações. 2 – Povos Wapixana. 3 – Forças  
Armadas. I – Título. II – Souza, Alfredo Ferreira de (orientador).

CDU – 351.8(=1-82)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:

Mariede Pimentel e Couto Diogo - CRB-11-354 - AM

MARCELO MASSUO AKASAWARA

**DAS FLECHAS AO FUZIL: O CAMINHO DA CONSTRUÇÃO DO  
"GUERREIRO MILITAR" A PARTIR DO "GUERREIRO INDÍGENA"**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Área de Concentração: Sociedade e Fronteiras e Linha de Pesquisa 2: Interculturalidade e Processos Sociais na Amazônia. Defendida em 30 de maio de 2023 e avaliada pela seguinte banca examinadora:



**Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Souza**  
Orientador - PPGSOF/UFRR

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** AMÉRICO ALVES DE LYRA JÚNIOR  
Data: 13/06/2023 17:04:36-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**Prof. Dr. Américo Alves de Lyra Júnior**  
Membro Interno Titular – PPGSOF/UFRR



**Prof. Dr. Tássio Franchi**  
Membro Externo Titular – ECEME

## RESUMO

Apresente dissertação propõe a narrativa do caminho percorrido pelo indígena desde seu alistamento militar, saída da aldeia, inclusão no exército e o rito de passagem para se tornar um soldado combatente de selva. Esse caminho é mais que uma distância percorrida de uma comunidade até o setor da prefeitura local para o alistamento militar e depois para o quartel. É o somatório de saberes adquiridos durante a construção simbólica de um guerreiro militar. O ponto inicial dessa construção é de um guerreiro indígena que reinterpreta os símbolos militares e, na concepção do Exército Brasileiro, torna-se um guerreiro militar após o cumprimento de um rito de passagem. Esse guerreiro militar é um indígena, detentor de saberes e conhecimentos dificilmente superáveis pelos não indígenas. A pesquisa também demonstra que a representação do indígena guerreiro subsiste na figura do soldado combatente de selva, que atualmente busca alcançar as capacidades de provisão para suas famílias, exerce seus saberes como mediador nas relações sociais entre as culturas militar e indígena e provê proteção e vantagem tática aos grupos de combate a que pertence.

**Palavras-chave:** Práticas e representações, Povos Wapixana, Forças Armadas

## ABSTRACT

The present dissertation proposes the narrative of the path taken by indigenous people from their military enlistment, departure from their village, inclusion in the army, and the rite of passage to become a jungle combatant soldier has been researched. This path is more than just a distance traveled from a community to the local government sector for military enlistment and then to the barracks. It is the sum of knowledge acquired during the symbolic construction of a military warrior. The starting point of this construction is an indigenous warrior who reinterprets military symbols and, in the conception of the Brazilian Army, becomes a military warrior after fulfilling a rite of passage. This military warrior is an indigenous person, holder of knowledge and skills that are hardly surpassed by non-indigenous people. The research also demonstrates that the representation of the indigenous warrior persists in the figure of the jungle combatant soldier, who currently seeks to achieve the ability to provide for their families, exercises their knowledge as a mediator in social relations between military and indigenous cultures, and provides protection and tactical advantage to the combat groups they belong to.

**Keywords:** Practices and representation, Wapishana people, Armed Forces

**LISTA DE SIGLAS**

BIS	Batalhão de Infantaria de Selva
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CMA	Comando Militar da Amazônia
EB	Exército Brasileiro
ECEME	Escola de Comando e Estado-maior do Exército
FFAA	Forças Armadas
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FT	Força Terrestre
JSM	Junta de Serviço Militar
PEF	Pelotões Especiais de Fronteira
PPGSOF	Programa de Pós-graduação em Sociedade e fronteiras
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica
TI	Terra Indígena
UFRR	Universidade Federal de Roraima

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 01:	Gráfico da divisão da estrutura hierárquica das unidades que compõem o Comando Militar da Amazônia	31
Figura 02:	Localização dos PEF e OM que realizam sua gestão	36
Figura 03:	Proporção entre as diferentes etnias entrevistadas nesta pesquisa	39



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO PRIMEIRO: CAMINHOS TEÓRICO E METODOLÓGICO .....</b>	<b>14</b>
2.1	Etnicidade.....	14
2.2	Alteridade.....	14
2.3	Comunicação e Interação Social.....	16
2.4	Cultura de Contato.....	16
2.5	Cultura de Contato e Territorialidade Wapixana.....	18
2.6	Cultura de Contato e a Mobilidade das Fronteiras Wapixana.....	20
2.7	Cultura de contato e a Etnicidade Wapixana.....	21
2.8	Região Epistemológica.....	22
2.9	Mediação cultural.....	23
2.10	A elaboração dos questionários para as entrevistas.....	25
2.11	Aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE).....	27
2.12	Interferência do Entrevistador.....	27
2.13	Os Grupos como Sujeitos da Pesquisa.....	28
2.14	Método <i>Rapid Assessment Process (RAP)</i> nas Entrevistas.....	29
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO SEGUNDO: O EXÉRCITO E O INDÍGENA.....</b>	<b>30</b>
3.1	O Exército Brasileiro em Roraima .....	30
3.2	A Mediação Cultural e a participação indígena em conflitos armados dos séculos XVI até o XIX.....	32
3.3	A participação Indígena em conflitos armados recentes no Brasil e no Equador.....	32
3.4	Pelotões Especiais de Fronteira do Exército Brasileiro.....	33
3.5	Serviço Militar .....	36
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO TERCEIRO: A CONSTRUÇÃO DO SOLDADO INDÍGENA.....</b>	<b>39</b>
4.1	Fatores que contribuem na construção da representação Simbólica do guerreiro militar.....	42
4.2	A representação do “Espírito Militar” do soldado indígena.....	47
4.3	Os símbolos e ritos que convergem o “Guerreiro Indígena” no “Guerreiro Militar”.....	48
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>7</b>	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>59</b>
7.1	Apêndice A – Questionário Estruturado para soldados indígenas.....	59
7.2	Apêndice B – Questionário Aberto para oficiais e sargentos do 7º. BIS.....	61
7.3	Apêndice C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	62

## 1 INTRODUÇÃO

O povo Wapixana é o segundo maior grupo indígena de Roraima e ocupa várias regiões do estado. Montenegro Filho (2016) e Mandulão *et al.* (2012) relatam que o espaço mais estendido de seu habitat fica em território brasileiro, entre os rios Branco, Quitauaú (Brasil) e Rupununi, na Guiana. No estado de Roraima há nove Terras Indígenas (T.I.) e dezoito comunidades conforme Carneiro (2008).

Os estudos de Lima (1992) e Silva (2010) respectivamente, versam sobre a influência do processo de colonização do Estado de Roraima e a instalação de escolas e alfabetização na Língua Portuguesa, tanto pela Coroa Portuguesa quanto pelo Estado Brasileiro. Tais iniciativas culminaram nos aldeamentos em territórios pré-determinados, que contribuíram para a construção identitária sob a ótica do plano de identidade de “domínio nacional”<sup>1</sup>. Esse processo foi parte do “projeto integracionista” (SILVA, 2001, p. 62) dos Wapixana ao Estado Brasileiro e acelerou os contatos interétnicos com povos dos vilarejos, fazendas e cidades próximas às comunidades.

Um exemplo da abrangência da cultura envolvente é o olhar histórico das atuais casas dos Wapixana, que se tornaram habitação de uma família, com cobertura de palha e paredes de barro e madeira. O olhar epistemológico da historicidade permite perceber a faceta quase invisível da representação do modelo colonizador descrita por Farage (1991), que influenciou a forma tradicional de moradia e de representação social tradicional. Através dos vários entendimentos da construção identitária indígena, nas óticas de Farage (1997, 1998), Silva (2001), Mandulão *et al* (2012), Montenegro Filho (2016) e de tantos outros autores, é possível vislumbrar a complexidade simbólica que envolvem os indígenas que se dispõem ao serviço militar.

A inserção de jovens indígenas nas Forças Armadas (FFAA) também os colocam diante de novas formas culturais, como a doutrina militar e o contato com jovens provenientes de outras realidades brasileiras que fazem parte do efetivo militar. A acessibilidade de vários jovens indígenas às FFAA faz parte do processo de exposição e inserção intercultural, principalmente pelo contato formal com a Língua Portuguesa e entendimento parcial da cultura envolvente.

A exposição, contato e interação de jovens Wapixana nas FFAA inseriu velocidade, volumes maiores e direcionamentos no encontro entre as duas culturas. A dinâmica de comunicação que girava em torno do transmissor, mensagem e receptor

---

<sup>1</sup> Explicar domínio nacional

que ocorria nas fronteiras geográficas das comunidades indígenas e nas circunvizinhanças, passou por muitas mudanças devido à convivência diária no ambiente confinado dos quartéis. Estas mudanças que ocorrem dentro do ambiente militar, podem oferecer elementos que estabelecem um ambiente de mediação cultural específico do objetivo da pesquisa, que pode ser definido como “um jogo contingente de suas relações sociais e simbólicas em um dado contexto” (MONTERO, 2006, p. 10). Esse contexto abrange a realidade militar dentro do Exército Brasileiro (EB) em Roraima.

Por causa do encontro de duas culturas, a Wapixana e a militar, estabelecem-se então, as suas fronteiras e as influências que cada uma promove, de acordo com os relatos dos soldados Wapixana, de outras etnias e dos respectivos comandos militares. A análise desse encontro está sob a proposta da mediação cultural.

É necessário entender que a descrição atual da região amazônica apresenta enorme contraste quando comparada às narrativas históricas e literárias no período dos séculos XVI até o XX (HARDMAN, 2009). O período literário dos séculos XVI e XVII descreve a região como exótica e grandiosa, de uma maneira quase romantizada. Esses contrastes dos relatos amazônicos descritos por Hardman (2009) revelam a visão do colonizador ante ao mosaico cultural que abrange a região e os Wapixana, pois não levaram em consideração a cultura, a língua, os símbolos e as práticas no cotidiano.

Nádia Farage (1991) descreve a colonização e inserção dos Wapixana no sistema colonial da região roraimense, relatando os contatos interétnicos e as novas territorialidades desse povo. Autores mais recentes, como Montenegro Filho (2016), demonstram que as relações socioculturais já eram complexas entre as populações Wapixana que habitavam os territórios brasileiro e guianense, na faixa fronteira entre esses países.

Ao mesmo tempo, nas descrições de Fujimoto (2016) já se nota a atuação dos indígenas em conflitos armados seja no papel de grupos beligerantes ou de FFAA regulares, desde o período colonial brasileiro dos séculos XVI e XVII. Atualmente, a incorporação militar de povos indígenas se estende aos vários países vizinhos. Um exemplo dessa incorporação é feito pelo Equador, que faz a inserção de treinamentos militares de selva com unidades totalmente indígenas. Essa interação, entre os conhecimentos indígenas e as técnicas militares, foi demonstrado como um dos fatores

de resultado positivo para as fileiras militares equatorianas no conflito do Cenepa<sup>2</sup>, entre Peru e Equador em 1995, descritos por Maya (2016) e Iturralde; Franchi (2022).

As pesquisas de Souto, Paim e Franchi (2018) versam sobre as unidades de selva, que são pelotões militares especializados em combate na selva. O ambiente de selva é um dos lugares de possível atuação que o soldado Wapixana pode ser inserido a partir de seu alistamento e treinamento.

Neste contexto de inserção às fileiras armadas, a presente pesquisa pretende demonstrar a trajetória simbólica dos Wapixana nas fronteiras de territorialidade, no estabelecimento da cultura de contato, definida por Oliveira (1976). Esta percepção cria um espaço que contribui para se analisar o processo das representações simbólicas, sob a perspectiva de “estágios de conversão” (SOUZA, 2008, p. 6) desde o alistamento até a incorporação nas unidades de combate do EB em Roraima. As entrevistas com soldados indígenas nos quartéis de Boa Vista (RR), ajudaram a compreender as representações simbólicas entre o guerreiro e o soldado indígena nas fileiras do EB.

Muito já se escreveu sobre este item. A extensão das fronteiras e trajetórias culturais estão sob a influência dos deslocamentos da territorialidade. Porém, estudos sobre militares indígenas são sensivelmente menos documentados e há pouca literatura disponível quando comparado com outros aspectos do cotidiano indígena. Há muita literatura quanto ao aspecto da religiosidade, da interação social, do modo de vida comunitário, das influências pelos contatos interétnicos na ocupação territorial da atualidade e de suas práticas linguísticas. Várias características indígenas são descritas por autores como Montenegro Filho (2016), Cunha (1992) e Farage (1997, 1998), dentre outros.

Outros autores, a exemplo de Montero (2006), exploram a questão identitária como uma questão de mediação entre o “eu” e o “outro”, seja na classificação do outro como “inimigo, selvagem ou de igual” (MONTERO, 2006, p. 31). Embora este trabalho seja direcionado a pesquisar o soldado indígena, há a compreensão de que a sua territorialidade contém suas crenças, religiosidade e outros aspectos da cultura. Através das entrevistas, alguns aspectos foram abordados conforme as definições de vários autores que descrevem especificamente a cultura Wapixana. Autores como Agnaldo Carvalho (2016) ajudaram a entender a leitura das relações fenomenológicas. Luciana Melo (2016) colabora com os estudos que descreve as relações sociais dos Wapixana

---

<sup>2</sup> Cenepa: Rio equatoriano em cuja região ocorreu tal conflito.

que vivem na cidade de Boa Vista (RR), Orlando Silva (2001) e Farage (1991) aprofundam os aspectos do contato interétnico desse povo.

A obtenção de dados para o entendimento do processo da inserção de indígenas no EB foi feita através das entrevistas em campo e pesquisas documentais nos órgãos de alistamento militar na cidade de Boa Vista. Isso abrangeu três esferas distintas para melhor organização e análise de dados. Inicialmente foi feita uma pesquisa documental na Junta de Serviço Militar de Boa Vista onde foram pesquisados e fornecidos dados sobre a função da Junta e outros pertinentes ao alistamento militar. Posteriormente, e em diferente local, foram realizadas as entrevistas pessoais com soldados indígenas e ainda com oficiais e sargentos, todos do mesmo batalhão.

O uso da metodologia de pesquisa, que envolve as entrevistas em campo, é composta por um questionário estruturado. As entrevistas tiveram o objetivo de coleta de dados, pautada principalmente nas instruções de Malhotra (2012), que versa sobre o uso do método da entrevista e a formulação de questionário. Através do uso da metodologia qualitativa nas unidades do EB em Roraima, coleta de dados nas instituições de alistamento militar e na pesquisa bibliográfica de documentação, pretende-se observar o processo da incorporação dos indígenas nas unidades do EB em Roraima.

As respostas às perguntas do questionário ajudaram a entender o processo de alistamento, treinamento e manutenção de soldados indígenas no EB. Qual é o processo de entrada e permanência de soldados indígenas no EB em Roraima? Qual a influência e mudanças nas distribuições culturais e nas relações que abrangem os atores da sociedade em pesquisa através das novas fronteiras e trajetórias culturais? De que maneira os atores sociais têm se posicionado diante da trama social que envolve a doutrina militar e a própria cultura dentro dos quartéis militares? Qual a acomodação ou uso cultural diante dos novos signos, costumes e usos na vida diária? Há alguma alteração ou percepção nas fronteiras políticas dentro da perspectiva de Estado Nacional Brasileiro entre os Wapixana por meio da atuação das FFAA? As respostas ajudaram a preencher as lacunas para a construção do entendimento dessas perguntas.

Minha convivência ao longo de oito anos na região da Terra Indígena Manoá-Pium e consequentes visitas às comunidades Wapixana, permitiu muito contato com a população, com sua cultura e cotidiano. Esta convivência é um dos fatores de envolvimento que influenciaram na pesquisa. Por causa da convivência entre o povo

indígena, além do interesse pessoal do pesquisador para entender os atuais arranjos sociais da população mais jovem, o uso da contextualização das perguntas do questionário foi possível, tornando o questionário mais acessível e inteligível ao público alvo.

A relevância pessoal dessa pesquisa é voltada ao conhecimento das mudanças simbólicas e representações que envolvem os Wapixana. Esse conhecimento ajudará a esclarecer outros aspectos da vida cotidiana que não foram percebidas durante o tempo de convivência entre esse povo. Ajudará na compreensão pessoal de atitudes, influências, construções simbólicas e fatores de envolvimento familiar ainda encobertos.

A relevância social envolveu a observação das influências, mudanças simbólicas e a representação do povo sobre o jovem inserido no EB. Essa relação entre o soldado Wapixana e a suposta representação do povo de sua comunidade, forneceu alguns dados que puderam estabelecer as características tidas como “benéficas para a sociedade local”.

A presença de jovens soldados Wapixana nos quartéis é de relevância acadêmica para o entendimento da construção simbólica e as influências entre esses símbolos do guerreiro e a representação construída. Há pouca pesquisa sobre esse assunto, embora haja um intenso uso de jovens indígenas nas FFAA e na constituição de pelotões especiais étnicos em outros países (ITURRALDE e FRANCHI, 2022). A presença de jovens soldados Wapixana é de interesse à pesquisa acadêmica da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), participante do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) em parceria com o Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

O trabalho está estruturado da seguinte forma: Na presente introdução, temos o povo Wapixana no estado de Roraima. Descreve as influências do modelo colonizador descrita por vários autores como Farage (1991), Montenegro Filho (2016) e Mandulão *et al* (2012). A importância dessas influências é demonstrada na complexidade simbólica que envolve os jovens inseridos nas FFAA. Através do encontro de duas culturas, a Wapixana e a militar, é possível vislumbrar a suas fronteiras e suas influências dentro do quartel.

O capítulo primeiro descreve os caminhos teórico e metodológico. Procurou-se definir cada termo que envolve o povo Wapixana desde a sua construção simbólica em sua terra natal, algumas representações envolvidas e ritos de passagem do menino

para a idade adulta. Esses ritos de passagem são reproduzidos no EB, e são significativos na construção simbólica do soldado indígena combatente de selva, nesta pesquisa chamado de “guerreiro militar”. Essa construção de guerreiro militar significa um soldado pronto, que foi adestrado e treinado para a guerra ou para o combate.

O segundo capítulo descreve as representações simbólicas no âmbito militar. A importância desse capítulo é demonstrar as práticas militares que fazem parte do dia a dia de qualquer soldado. Além disso, essas práticas são ensinadas aos novos recrutas e espera-se que façam parte de seu cotidiano militar. É um período de muita exposição e contato entre as culturas militar e indígena, o que faz parte do processo de construção simbólica de um guerreiro militar.

O capítulo terceiro se aprofunda sobre a construção simbólica do soldado no EB. Esse aprofundamento é observado através dos relatos dos soldados do 7º BIS, que descrevem os caminhos do alistamento militar até o rito de passagem de recruta a soldado combatente de selva. Esse rito de passagem é o final do treinamento básico, onde o símbolo é a boina camuflada, que representa o guerreiro militar, combatente de selva.

As considerações finais são um relato do que se apurou da construção do guerreiro militar, desde o alistamento até a incorporação como soldado treinado. Além disso, algumas interjeições foram levantadas para futuras pesquisas, no intuito de aprofundar essa temática.

## 2 CAPÍTULO PRIMEIRO: CAMINHOS TEÓRICO E METODOLÓGICO

Vários termos foram utilizados para darem sustentação teórica no desenvolvimento da pesquisa. Desta forma, justifica-se a discussão teórica que se segue, para que o entendimento da região epistemológica que envolve a pesquisa seja mais claro e definido.

### 2.1 Etnicidade

A etnicidade define “a expressão de uma realidade cultural na qual as pessoas formam um determinado grupo étnico” (FLORES, 2018, p. 75). Desta definição, Flores (2018) complementa que também abrange o pertencimento de indivíduos a um determinado grupo que se caracteriza pela realidade cultural, que vai além das fronteiras raciais. O alargamento das fronteiras foi definido por Poutignat (1998), ao definir que elas abrangem o compartilhamento de valores culturais comunicáveis e interativos, constituindo uma categoria que se diferencia de outras.

Contudo, dentro da realidade política do estado de Roraima, a etnicidade tem sido estabelecida principalmente através de lutas políticas. Melo (2012) diz que a reafirmação destes povos na cidade de Boa Vista tem tido algum significado. Esta afirmação fomentada, principalmente depois de 1988 quando Roraima passou a ser estado, estabeleceu o cenário de luta entre o estado fundiário e povos que querem preservar as terras onde há, “proporcionalmente, um maior número de indígenas no Brasil” (SANTILLI *apud* MELO, 2012).

Oliveira (1976) retrata que a identidade de um grupo se consolida “por oposição, implicando a afirmação do *nós* diante dos *outros*, jamais se afirmando isoladamente” (OLIVEIRA, 1976, p. 36). Esta construção somente pode ser vivenciada em integração como grupo, ao criar mecanismos para identificação como um indivíduo para fazer parte de uma identidade. É a relação entre a construção da identidade e alteridade.

### 2.2 Alteridade

O termo alteridade está presente na vida em si, porque trata da existência social de um indivíduo em contato com outro. O termo *alter*, em latim, significa literalmente, outro. Entre o povo Wapixana, Carneiro (2008) diz que uma demonstração da alteridade indígena é a manutenção da etimologia de suas comunidades, como exemplo o nome da comunidade de *Canauanim*, que significa “passagem da canoa”, revelando a complexidade do sistema de nomeação Wapixana (LIMA *et al.*, 2018). Outro exemplo



deste povo, Silva (2013) observa na luta pela manutenção cultural através do ensino e propagação da língua entre os seus habitantes, através da criação de um dicionário próprio.

Ao considerar-se as imagens de “ilhas” culturais e das “praias” que configuram as “zonas de fronteira” (DENING *apud* HANNERZ, 1997, p. 6) na construção da identidade étnica de um povo, a manutenção da alteridade é importante para distinguir os traços culturais de identidade. Contudo o uso destas imagens é uma demonstração acadêmica de construção identitária, e não representa a abordagem atual de fronteira étnica, conforme a crítica de Fredrik Barth (1969) na sua definição de *grupos étnicos*.

Esta construção é percebida pelo entendimento do fluxo cultural através da dinâmica entre o contemporâneo e o que é relatado pela historicidade ou prática tradicionais. A resignificação identitária pode ser uma das formas para a manutenção cultural diante dos valores externos. Diante disso, a trama social envolvida na luta pela alteridade é tão evidente quanto a imposição cultural da sociedade envolvente, que abrangem a população num todo, em diferentes níveis de absorção e rejeição do *outro* (OLIVEIRA, 1976).

Tendo em vista alguns fatores na construção cultural, dos pontos de vista de Oliveira (1976, p. 5, 6) e Silva (2010, p. 28), a alteridade não passa apenas pela defesa da continuidade identitária, mas por modificações ou resignificações que permeiam toda a comunidade. Contudo, Oliveira (1972) destaca que a construção cultural, como parte de um processo conflitivo, geradores da “fricção interétnica” (OLIVEIRA, 1976), aconteça entre as relações sociais de um povo diante de novas culturas. Portanto, pode-se afirmar que “estar dentro ou estar fora” em relação ao pertencimento (BARTH *apud* HANNERZ, 1997, p. 5) é motivo para observação apurada diante do povo alvo. Isto reflete diretamente na alteridade, na cultura e na comunicação. Esta é uma parte da trama social que envolve os atores sociais indígenas.

Os ritos de passagem do menino para o adulto são práticas que reforçam a alteridade presente nas relações interpessoais da sociedade humana (LIDÓRIO, 2014). Especificamente na cultura indígena esses ritos buscam identificar o novo membro adulto como capaz, corajoso e honrado.

### 2.3 Comunicação e Interação Social

Sestini (2008) descreveu que a comunicação humana ocorre principalmente pelo uso da linguagem e “esta linguagem evoluiu em consequência de nossos ancestrais viverem em grupos sociais maiores e sua função seria a de aumentar a coesão social” (DUNBAR *apud* SESTINI, 2008, p. 7). A comunicação humana e a interação social estão intimamente ligadas, e são sensíveis às mudanças e transformações causadas pelo uso de novas tecnologias de comunicação. No uso de recursos digitais, os atores da comunicação mudam de função, ao passarem de expectadores a protagonistas. Devido a abrangência de vários públicos, o uso de recursos digitais na comunicação inaugurou uma comunicação em rede. Somente a internet atinge atualmente mais de 55% da população brasileira (UNESCO, 2016), urbana ou rural e abrange também os povos tradicionais como os indígenas.

A comunicação atual é fruto das recriações das formações socioculturais contemporâneas, demonstrada nos estudos de Moreira (2013) com o advento do mundo digital e, com maior influência, novos costumes trazidos pela influência dos jovens que se deslocam para estudar ou estar nas fileiras das FFAA. Isso acarreta novas formações socioculturais que não podem ser dimensionadas pelo ponto de vista horizontalizado da comunicação, mas ser observado pela etnografia na criação de “novas identidades, culturas híbridas, de atores comunicativos e de novas territorialidades” (MOREIRA, 2013, p. 3).

### 2.4 Cultura de Contato

Através da definição da cultura de contato de Oliveira (1976), objetiva-se vislumbrar o conjunto de representações dos Wapixana em suas fronteiras dentro de seu grupo étnico e na classificação de si e do outro.

A “cultura do contato”, entendida principalmente como um sistema de valores altamente dinâmico, portanto susceptível de fornecer o *rationale* das “flutuações” da identidade étnica (ou em outros termos, a lógica da manipulação desta identidade), poderá permitir a elaboração de uma tipologia capaz de conter diferentes “culturas de contato” e de conformidade com a maior ou menor distância e “oposição” das culturas em conjunção, da maior ou menor tensão e conflito entre os grupos étnicos em contato (OLIVEIRA, 1976, p. 23).

A cultura de contato é estabelecida através dos contatos interétnicos e contribuem no estabelecimento das fronteiras da territorialidade, no movimento das fronteiras sociais e da etnicidade Wapixana. Contudo, há a necessidade histórica de

estabelecer um diálogo com a construção identitária amazônica, detalhada através da pesquisa literária de Hardman (2009). Esta pesquisa demonstra que essa construção foi iniciada pelos primeiros relatos dos colonizadores e pelas literaturas sobre a região. Ambos imprimiram várias facetas no prisma do conquistador.

No período literário entre os séculos XVI e XVII, descrevem um território geográfico e naturalista de grandiosidade, complexidade e exotismo. “Entre o final do século XIX e início do século XX, aparecem várias narrativas ficcionais amazônicas no Brasil” (HARDMAN, 2009, p. 29) de escritores como Inglês de Souza e José Veríssimo, que incluíam em suas obras um modo de resistência através da memória popular, dos indígenas e caboclos. Mesmo com a inclusão de modos de vida amazônicos, os relatos literários ainda incluíam a ideologia territorial, pois vinculava “o fenômeno de nacionalismo, que reivindica um espaço geográfico para uso ‘exclusivo’ de sua comunidade nacional” (GELLNER *apud* LITTLE, 2004, p. 258):

A existência de outros territórios no Estado-nação [...], representa um desafio para a ideologia territorial do Estado, particularmente pela sua noção de soberania. Este ponto de vista representa uma das razões pelas quais o Estado Brasileiro teve e tem dificuldade em reconhecer os territórios sociais dos povos tradicionais como parte da sua problemática fundiária (LITTLE, 2004, p. 258).

Durante todo o século XX as obras literárias hispano-americanas incluíam uma demonstração de região transnacional. Com a expansão de uma construção territorial além da fronteira nacional, partes destas identidades tornaram-se visíveis e relevantes a partir da Constituição de 1988, que “representou um novo marco para as questões ambientais no país e na Amazônia, principalmente quanto ao ordenamento jurídico nacional, referente à questão ambiental” (SILVA, PENA e OLIVEIRA, 2015, p. 5). Por outro lado, o encontro Rio-92 foi o “divisor de águas para formulação e implantação de políticas ambientais focadas, principalmente, na conservação dos Recursos Naturais” (*ibid.*, p. 9). A Constituição de 1.988 insere em seu ordenamento jurídico as questões ambientais ligadas a uma identidade homogênea amazônica e não insere em seus textos o reconhecimento de autonomia de etnias indígenas, quanto à sua cultura e modo de vida<sup>3</sup>. A transversalidade das ações governamentais impulsionadas a partir do encontro Rio-92, ainda necessita ser estabelecida considerando- se o envolvimento

---

<sup>3</sup> Doravante, o termo *identidade* será utilizado como uma forma mais abrangente da presença de povos distintos, seus saberes e uso da terra, com singularidade distinta da hegemonia brasileira, garantida parcialmente pela Lei de Diretrizes e Bases de 1990, que visava o ensino diferenciado e contextualizado.

dos planos nacionais de conservação e sustentabilidade dos recursos naturais, das populações locais com seus saberes, identidades e conservação do seu espaço e planejamento setorial compartilhado entre estados e municípios.

Na cultura de contato que envolve os povos amazônicos, os relatos literários e históricos dos séculos anteriores e as ações atuais estabeleceram a dialética que envolve esse território, que é a sua complexidade. Esta complexidade se acentua a cada dia, desde os grandes incentivos à ocupação e exploração na década de 1.970. Esta evidência é observada através das migrações, da vinda de empresas, da dificuldade de implementação de políticas sociais e dos conflitos ambientais e em várias partes, na ocupação da terra, “compondo gradativamente um mosaico rural” (MELLO *et al.*, 2020, p. 18).

Em meio à complexidade amazônica, a cultura de contato é um processo contínuo nas comunidades Wapixana. Nas descrições de Farage (1991) e Mandulão *et al.* (2012), destacam-se os contatos interétnicos entre os Wapixana desde o início da colonização. Atualmente há a intensificação destes contatos nas bordas avizinhas, proporcionada pelos vastos limites geográficos característicos das T.I. demarcadas de forma descontínua. E estendem-se além das fronteiras das comunidades pela migração de jovens estudantes e aqueles que vão servir nas FFAA.

## 2.5 Cultura de Contato e Territorialidade Wapixana

As comunidades Wapixana fazem parte do mosaico das demarcações descontínuas. Isso facilita o contato constante com os outros povos ao redor, tanto de cidades quanto de outras comunidades. Mandulão *et al.* (2012) relatam que estes contatos fazem parte da história dos Wapixana e por causa destes contatos, a territorialidade vai além de suas fronteiras de convivência de suas comunidades. Mesmo diante do “projeto integracionista” (SILVA, 2001, p. 62) que abrangeu a política do Estado Nacional tanto quanto a colonização do Estado de Roraima, a territorialidade garantiu a manutenção do espaço Wapixana e de seus traços culturais.

A definição de “territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar e controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu ‘território’” (LITTLE, 2004, p. 254). Zanetti e Reis (2017) ampliam este conceito como um “conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo” (RAFFESTIN *apud* ZANETTI e REIS, 2017, p. 10). A territorialidade é a expressão de resistência à sociedade envolvente,

que valoriza o seu território num “processo que envolve dois mananciais de recursos, um de ordem social e outro de ordem natural” (SANTOS, 2009, p. 4).

O recurso social envolve a manutenção da epistemologia Wapixana, o ser social Wapixana e as relações sociais, linguística, costumes, tradições, sistemas de produção e religiosidade. Através da manutenção deste recurso social, a identidade é exercida, tanto na classificação de si como na “fricção cultural” (OLIVEIRA, 1968, p. 342) com o outro. O recurso de ordem natural envolve o habitat e a sua assimilação da natureza.

Desta forma, a territorialidade Wapixana pode ser observada parcialmente na divisão mítica da terra para um uso específico. A terra é dividida em “forma de roças (*zakap*), florestas (*kanuku*) e em lavrado ou campo (*baaraz*)” (CARNEIRO, 2008, p. 91). Tal classificação, num primeiro momento, poderia parecer somente um exercício linguístico, mas não. Carneiro (2008) pormenoriza que os Wapixana creem que o uso incorreto dos espaços leva ao desequilíbrio da convivência com os espíritos e, conseqüentemente, ao desenvolvimento do medo de doenças, caçadas frustradas, lavouras com baixa produtividade e até a morte.

Numa forma mais abrangente, a territorialidade é observada na cosmografia Wapixana, que “inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá à terra e as formas de defesa dele” (LITTLE, 2004, p. 254). Esta territorialidade estabelece a localização social como parte da natureza, e traz o Wapixana dentro do viver pleno ou do “*Sumak Kawsay* em [na língua] Quéchuá” (MAMANI *apud* SILVA E GUEDES, 2017, p. 686).

Contudo, quando a epistemologia da territorialidade envolve as relações sociais na abordagem de um “sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo” (RAFFESTIN *apud* ZANETTI e REIS, 2017, p. 10), a cultura de contato fornece elementos culturais externos que ampliam a territorialidade Wapixana de Alto Arraia. Esta amplitude é observada nas reinterpretações de traços culturais trazidos pela colonização, nos contatos das bordas avizinhas e pelos jovens soldados Wapixana. Essas reinterpretações nos quartéis militares caminham em mão dupla, ora influenciando o guerreiro Wapixana, ora sendo influenciado pelos novos traços e sistema de cultura diferentes.

A cultura de contato atual estabelece a territorialidade Wapixana além de suas fronteiras geográficas. Esta é a relação mais abrangente entre a cultura de contato e as fronteiras da territorialidade de um povo.

## 2.6 Cultura de Contato e a Mobilidade das Fronteiras Wapixana

A definição de fronteiras como delimitações entre países ou atual definição de globalização ou um mundo sem fronteiras, foram epistemologias europeias de dominação, como descritas por Santos (2018). Exemplo desta descrição de colonização foi a partilha do continente africano no século XVIII, no uso de medidas e réguas para a sua divisão geográfica. Atualmente, este modo de dominação surge com o nome *globalização* que prestigia o livre comércio, a inserção de produtos, serviços e modelos culturais ao mercado mundial na atualidade. O estabelecimento do Estado Nacional Brasileiro e das delimitações no território roraimense seguiram o modelo colonial de delimitação de fronteira.

O fato da fronteira não ser apenas as linhas de um mapa, mas envolver visão mais ampliada do que essa é reconhecido na definição de Boaventura de Souza Santos (2018). Em sua perspectiva, a região fronteira define melhor o que é fronteira, uma vez que, na prática, a vida, os movimentos, as trocas interculturais se desenvolvem numa região além das linhas geográficas ou políticas.

Nesta classificação dinâmica e mais abrangente, as fronteiras Wapixana apresentam mobilidade conforme aumentam os contatos interétnicos. A mobilidade destas fronteiras é um desafio desde os tempos coloniais e uma ferramenta para se entender a reconstituição dos grupos indígenas.

A expansão das fronteiras sociais seguiu o aumento da cultura de contato. Houve a intensificação dos contatos interétnicos no estabelecimento e ocupação do território entre os rios Tacutu e Branco no século XVIII, seguido de aldeamentos implantados pelo governo colonial. Num primeiro vislumbre, “o processo de aldeamentos” (FARAGE, 1991, p. 123) colonial poderia ser interpretado como uma delimitação ampla de fronteira. Contudo, devido à porosidade da fronteira social Wapixana, o aumento dos contatos e os inter-relacionamentos proporcionados com os portugueses, permitiu o seu preenchimento. Isto contribuiu para a expansão das suas fronteiras sociais.

O efeito cumulativo na construção social da Amazônia nos séculos XVIII também pode ser observado entre os indígenas nas T.I.s. Manoá-Pium, na comunidade de Alto Arraia. Este espaço demarcado descontinuamente contribuiu com bordas avizinhas com outras populações e acesso às estradas e vilarejos. Isto gerou um efeito contrário ao “projeto integracionista” (SILVA, 2001, p. 62) que visava o isolamento na participação social na formação do estado de Roraima. As relações sociais advindas

destes contatos fronteiriços permitiram uma maior expansão da fronteira social indígena. Isso é observado na maior convivência com os povos ao redor através do estabelecimento de comércio, trabalho e trocas interétnicas, do aprendizado da Língua Portuguesa e da adoção do ensino formal do colonizador.

Uma outra faceta da demarcação territorial em terras descontínuas ou ilhas é a perda da memória afetiva com a terras dos ancestrais pelas novas gerações. Contudo, estas demarcações geram estabilidade e contribuem com a cosmografia nativa quando há o acréscimo de novos elementos culturais através das relações sociais ao redor. Little (2004) define que a cosmografia possui vários elementos de definição de um grupo social:

[...] como os saberes ambientais, ideologias e identidades – coletivamente criados e historicamente situados – que um grupo social utiliza para estabelecer e manter o seu território. A cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantem como seu território específico, a história de sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso que dá ao território e as formas de defesa dele (LITTLE, 2004, p. 254).

A cultura de contato proporcionada pelas relações sociais que se desenvolvem ao redor dos espaços Wapixana, contribui para a dinâmica das suas fronteiras sociais. Essa dinâmica é observada em sua expansão e mobilidade, no alcance dos contatos interétnicos com outros povos e na construção da sua cosmografia.

## 2.7 Cultura de Contato e a Etnicidade Wapixana

A cultura de contato do povo alvo com outros povos, permite o desenvolvimento de relações sociais. Estas relações sociais classificam os traços culturais de acordo com o interesse do grupo social ou de indivíduos, que podem ser absorvidos ou descartados, de acordo com a “maior ou menor tensão e conflito entre os grupos étnicos em contato” (OLIVEIRA, 1976, p. 23). Dentro desta tensão, tanto o grupo social quanto o indivíduo influenciam na etnicidade.

Segundo Poutignat & Streiff-Fenart (1998), nas diversas formas de conceituação, a etnicidade pôde ser definida como caráter ou qualidade do grupo étnico [Glazer & Moynihan, 1975], como fenômeno situacional [Williams, 1989], como o sentimento de formar um povo [Gordon, 1964], como o relacionamento entre grupos que se consideram e são considerados culturalmente distintos [Eriksen, 1991] ou como fenômeno de natureza política ou econômica, remetendo a grupos de pessoas unidas em torno de interesses comuns [Cohen, 1974] (LUVIZOTO, 2009, p. 30,31).

Nessas novas relações sociais é gerado um fato social diante ou dentro do grupo, que é relevante como forma coercitiva da etnicidade. Durkheim (2007) define o

fato social como uma ordem exterior ao indivíduo que “consistem na maneira de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção” (DURKHEIM, 2007, p. 3). Num primeiro momento, pode se interpretar a etnicidade como uma estrutura rígida, reativa e sob a influência somente do grupo social. Contudo, a etnicidade também pode ser elástica a ponto de receber influência individuais, conforme demonstram os estudos de Fredrik Barth entre os Pathans, no Paquistão em 1959.

[...] no contexto em causa, a vida política tem uma configuração em círculos, não inteiramente concêntricos, mas sim dinâmicos, de curto prazo, atravessando círculos de interesse e acesso a ganhos pessoais através de contrato e conduta, bem como subdivisões geográficas e hereditárias de conjuntos de indivíduos, uns permanentes, outros mais variáveis. Daí que, na sua ótica, em sociedades tribais, a chave para a compreensão das relações e da autoridade políticas reside, não na estrutura social, mas sim em escolhas e iniciativas estratégicas dos indivíduos, tendo em vista a maximização de benefícios. Consequentemente, a solidariedade em que assenta uma sociedade é fruto, não de uma “solidariedade mecânica”, como advogavam alguns antropólogos africanistas da altura, seguidamente identificados, mas antes de “opções estratégicas individuais (SILVA, 2016, p. 504, 505).

A influência individual na etnicidade é possível pela existência desta elasticidade, porque nem “toda coerção social exclui necessariamente a personalidade individual” (DURKHEIM, 2007, p. 4). As relações sociais individuais na confluência dos contatos intraculturais ou interculturais, são catalizadores de renovação da etnicidade. Estas relações trazem ou reinterpretam novos elementos culturais que transformam e dão novas formas à cultura local. Isso se explica pelo fato que nem sempre as ações do grupo representam as “opções estratégicas individuais” (SILVA, 2016, p. 505). A cultura de contato Wapixana, na sua inter-relação com a etnicidade, permite novos contratos sociais que se demonstram na mudança, renovação, adaptação e continuidade cultural.

## 2.8 Região Epistemológica

É local de trabalho constante ou recomeços do pensamento empírico, do uso do racionalismo para o aprofundamento nas questões das ciências. Através da “região epistemológica” (BACHELAR, 2006, p. 33), o racionalismo na questão do fluxo interétnico e da trajetória cultural Wapixana precisam ser pesquisadas em fatos para se encaixarem nas razões e desta forma receberem o *status* de fatos científicos. Através da classificação como fato científico, é possível estabelecer a pesquisa através do prisma epistemológico ou numa análise de dados qualitativos, que poderão envolver as



áreas da história nativa, linguística própria, cosmovisão, direito, trajetória e caminhos a serem percorridos no contexto de caserna militar.

## 2.9 Mediação Cultural

A mediação cultural é a configuração cultural feita por um ator, em forma de “produções culturais” (MONTERO, 2006, p. 32). É a descrição abrangente que uma cultura faz ou descreve da outra, que pode ser compreendida e entendida através dos signos.

A pesquisa de mediação cultural descrita por Montero (2006), baseou-se na análise restrita de um ator privilegiado que era o missionário cristão. Ao se restringir o escopo nos missionários cristãos e em suas atuações, foi possível enfatizar “a atuação desses agentes de mediação no processo de significação e o papel essencial que exerceram...” (MONTERO, 2006, p. 32).

Houve a incorporação de valores do mediador, mas não se pode menosprezar as significações descritas. Ao contrário, devem ser tratadas “como o resultado de disputas simbólicas, mediadas por agentes indígenas e não-indígenas, pela apropriação de elementos disponíveis, considerados chaves pelos atores envolvidos” (*ibid.*, p. 33). Nas pesquisas de Fujimoto (2016) a descrição da mediação cultural é mais ampla e abrangente por seu período histórico e pelo envolvimento de vários atores. Abrangeu o período entre os séculos XVI a XIX e pelo envolvimento de atores cristãos, comerciantes europeus, indígenas e militares.

Nesse relato, as primeiras mediações conhecidas do século de descobrimento do Brasil foram feitas por europeus. Esses, intermediavam o comércio entre as naus estrangeiras e indígenas. Adquiriam mantimentos, Pau-Brasil, madeira para conserto dos navios e todo tipo de víveres para suas viagens. Jesuítas e exploradores foram mediadores entre os interesses da Coroa Portuguesa e os indígenas.

Essa mediação foi de interesse dos colonizadores para terem acesso aos recursos naturais para trocas (FUJIMOTO, 2016). O acesso aos recursos naturais foi possível porque os atores coloniais portugueses tiveram uma longa convivência e interesse no aprendizado das línguas de várias etnias. Neste caso, a mediação cultural foi impulsionada pela necessidade de dialogar entre as duas culturas, europeia e nativa, para benefício de ambas. É de reconhecimento do EB que a mediação cultural tornou possível a participação de indígenas nas fileiras armadas desde o tempo da colonização portuguesa.

A construção simbólica de um guerreiro militar entre os indígenas pode se tornar mais efetiva, a partir do momento que, “na atribuição de significados locais” (MONTERO, 2006, p. 16) dentro do EB, o processo de militarização faça parte do processo de aprendizagem do indígena. Essa efetividade foi descrita nos processos de construção do guerreiro militar em outros países, que será abordado durante essa pesquisa. Foi relatado que a construção simbólica militar teve mais significado quando os elementos que expressaram as relações simbólicas e sociais significativas do cotidiano vividas nas comunidades, foram incorporados pela instrução militar.

Agora, falemos do caminho metodológico. Através das orientações da Metodologia Qualitativa, houve a busca da “compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, ou que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONSALVES, 2003, p. 68). O uso desse enfoque na pesquisa, materializou-se com questionários estruturados em entrevistas pessoais e checagem do entendimento das respostas, em conjunto às pesquisas bibliográficas e documentais.

A metodologia de pesquisa adotada abrange a formulação de questionários. Cada um “é um conjunto formal de perguntas cujo objetivo é obter informações do entrevistado” (MALHOTRA, 2006, p. 242). No processo de elaboração dos questionários, perseguiu-se três grupos de entrevistados, com a elaboração de “perguntas específicas que os entrevistados tenham condições de responder” (MALHOTRA, 2006, p. 243). Cada questionário foi elaborado conforme o grupo a ser entrevistado, seguindo as instruções de uso de questionário para as entrevistas de Malhotra (2006). O uso das instruções de Beebe (2001) buscou a checagem rápida através de triangulação de informações.

O primeiro grupo para a aplicação de entrevistas estruturadas foi formado por soldados indígenas nos quartéis do EB em Boa Vista (RR). A abordagem desse público alvo foi realizada após as autorizações do Comando Militar da Amazônia (CMA), nas unidades da 1ª Brigada de Infantaria de Selva e no 7º BIS. Não foram feitas visitas às comunidades indígenas dos entrevistados.

Através do questionário estruturado, objetivou-se a entender as realidades sócio-demográficas, o entendimento do processo do ingresso na vida militar e possíveis questões socioculturais que envolvam o grupo de soldados indígenas. Baseados nos dados obtidos, estabeleceu-se uma visão panorâmica no processo de alistamento, na influência do treinamento militar e no uso desse contingente na composição da FT.

Outro grupo de pesquisa foi a unidade da Junta de Alistamento Militar em Boa Vista (RR). Não foi utilizado questionário e a abordagem de pesquisa foi documental. Por causa do acesso à documentação dessa seção, levantou-se as diretrizes de alistamento militar, os meios e os formulários de preenchimento pelos candidatos, orientações do Ministério da Defesa, regras de alistamento e designação dos voluntários às diversas unidades militares. O alistamento militar é a entrada de qualquer voluntário para a seleção e início de prestação de serviço militar dos novos recrutas no EB.

O terceiro grupo foi formado por oficiais e sargentos das unidades pesquisadas. Essa pesquisa foi a última a ser feita. Após a coleta de dados entre os dois grupos anteriores, as respostas foram compiladas e catalogadas para se ter um panorama mais abrangente da visão da tropa de recrutas e como era a participação da Junta de Alistamento Militar no alistamento e designação dos soldados para as unidades militares do EB em Boa Vista.

Nesse terceiro grupo, foi utilizado um questionário estruturado, construído a partir das respostas mais abrangentes e significativas dos grupos anteriores. As respostas foram lidas e perguntou-se a visão do oficial militar sobre os grupos de respostas relatados pela tropa. Foram perguntas abertas e buscou-se o entendimento dos comandantes ou oficiais dessas unidades sobre a política de alistamento, a visão do treinamento, uso dos componentes nas unidades pesquisadas e influência do conhecimento sociocultural dos soldados indígenas de Roraima.

## 2.10 A Elaboração dos Questionários para as Entrevistas

A estruturação dos questionários baseou-se nas orientações de elaboração de pesquisa de Malhotra (2006) e Beebe (2001). No processo de elaboração do questionário estruturado para o grupo de soldados indígenas, sugerido por Malhotra (2006), houve a participação de uma banca de peritos<sup>4</sup>. Essa banca foi composta de

---

<sup>4</sup> **Frederico Chaves Salões do Amor**, Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (2005) e Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (2015). Atualmente é instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, na Divisão de Política e Estratégia. Atuou em Missões de Paz das Nações Unidas e possui larga experiência operacional e em análises em Operações Interagências e Combinadas com outros países na faixa de fronteira do Brasil, em especial no Arco Norte, com ampla interação com diversas etnias indígenas. **Nádia Moreira**, Capitã de Fragata da Marinha do Brasil. Pós-doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ). Doutora em Serviço Social (UFRJ). Doutoranda em Antropologia Social (UNB). Mestre em Serviço Social (PUC-Rio). Professora/Pesquisadora da Escola Superior de Defesa (ESG). Vice-líder da Linha de pesquisa Dimensão Humana dos Estudos de Defesa, do Laboratório de Pesquisa em Segurança,

especialistas em assuntos relacionadas aos povos indígenas da Amazônia Legal e da estrutura militar. O questionário inicial foi analisado, debatido e surgiram mudanças e colaborações que ajustaram o direcionamento, clareza de comunicação e objetivos propostos pela pesquisa.

Procurou-se minimizar os erros de respostas e de interpretação ao contextualizar as perguntas numa linguagem mais acessível ao público alvo. A falta de literatura disponível para a elaboração das perguntas contextualizadas, somadas à experiência e as pesquisas dessa equipe com o público alvo, justificou-se essa conduta. Foi sugerida a organização das perguntas numa ordem que começou com questões pessoais seguindo-se para as mais abrangentes e institucionais. A participação dos peritos foi fundamental porque entende-se que, “como não existem princípios científicos que garantam questionário ótimo ou ideal, a concepção de um questionário é uma habilidade que se adquire com a experiência” (MALHOTRA, 2006, p. 243).

Para a pesquisa no segundo grupo, composto pela Junta de Alistamento Militar, não foi elaborado ou utilizado qualquer questionário. A pesquisa desenvolveu-se através da consulta de documentos que esclarecessem o início do processo de ingresso no serviço militar. Observou-se toda a documentação disponível em portarias e orientações para entender o processo de alistamento militar, seleção e designação de cada voluntário para as unidades militares.

O terceiro grupo abordado foi composto por oficiais da 1ª Brigada de Infantaria de Selva e 7º BIS. O comando da região militar que envolve o estado de Roraima é feito por um General de Brigada, comandante da 1ª Brigada de Infantaria de Selva. É a autoridade militar com a mais alta patente no estado de Roraima. O comando do 7º BIS, subordinada à 1ª Brigada de Infantaria de Selva, é responsável por todos os PEF.

O questionário utilizado para os oficiais e sargentos<sup>5</sup> dessas unidades militares, seguiu as instruções de Beebe (2001) que utiliza o método *Rapid Assessment Process* (RAP). Esse método orienta na formulação de questões através da triangulação de informações advindas de várias fontes. As fontes utilizadas foram as várias entrevistas do grupo de soldados indígenas e da Junta de Alistamento Militar. Ao selecionar as respostas de maior significância para o entendimento do processo de alistamento, engajamento e uso dos indígenas nas FA, as mesmas foram submetidas aos oficiais e

---

Desenvolvimento e Defesa (LAB-SDD) da ESD. **João Batista dos Santos Pinheiro**, indigenista do CMA, atua como Prestador de Tarefa por Tempo Certo (PTTC) no EB.

<sup>5</sup> O questionário para os oficiais e sargentos das unidades militares constará como Apêndice B.

sargentos para que pudessem falar livremente e contribuíram com informações do comando das unidades. Essa triangulação de informações contribuiu para as considerações finais da pesquisa.

### 2.11 A Aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido presencialmente na sua integralidade ao entrevistado ou o mesmo pode fazê-lo, quando optou por isso. Após a leitura do TCLE, o entrevistador perguntou se havia alguma dúvida e recolheu a assinatura. O entrevistador recolheu o TCLE assinado e iniciou a entrevista de modo pessoal, particular e presencial.

As entrevistas foram gravadas ou captadas de forma escrita, conforme a autorização do entrevistado. Todos os questionários foram ajuntados com os devidos TCLE assinados e utilizados somente para a composição da pesquisa. Nenhum dado pessoal de qualquer entrevistado foi fornecido a qualquer pessoa ou entidade.

### 2.12 Interferência do Entrevistador

O entrevistador interferiu na leitura do TCLE ou nas perguntas quando surgiram dúvidas quanto a interpretação, quando o entrevistado alegou que não entendeu a pergunta. O questionário respondido foi numerado e anexado à pesquisa. Optou-se pelo uso de números para a identificação dos questionários respondidos, para manter o caráter de sigilo e o conteúdo das entrevistas para uso único como contribuição à pesquisa conforme Manzini (1991). Somente o entrevistador saberá a identificação nominal de cada entrevistado pois foi atribuído uma identificação numeral para cada um.

As respostas das entrevistas gravadas foram transcritas em planilha pessoal para uso e análise da pesquisa. Foi solicitado ao entrevistado a autorização do uso do som e imagem por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>6</sup>, somente para uso da pesquisa. Uma última interferência do entrevistador foi na elaboração das perguntas livres submetidas ao grupo dos oficiais e sargentos do EB. A interferência foi na forma de leitura informal e conversa sobre o assunto, para que o entrevistado se sentisse incentivado a discorrer mais sobre alguma característica que

---

<sup>6</sup> O Termo de Livre Consentimento Livre e Esclarecido consta como Apêndice C.

contribuísse para o objetivo da pesquisa e de outros assuntos de seu interesse ou relevância conforme a visão dos comandos das tropas entrevistadas.

### 2.13 Os Grupos como Sujeitos da Pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa envolveu três grupos distintos de participantes. A participação de cada grupo foi distinta e englobou as respostas de cada um deles para o esclarecimento dos objetivos geral e específicos. Os grupos foram abordados em datas distintas, conforme a agenda aberta dos participantes para isso. Esses grupos foram a Junta de Alistamento Militar, órgão sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Boa Vista (RR), outro grupo foi composto por soldados indígenas das unidades do EB em Roraima. Oficiais e sargentos do 7º BIS foi o terceiro grupo.

Estas entrevistas foram possíveis por causa do envolvimento do pesquisador no grupo da ECEME pelo Procad-UFRR. Contudo, é objeto de busca, a etnografia como “uma análise holística ou dialética da cultura” (MATTOS e CASTRO, 2011, p. 4) ao enxergar a cultura “como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e as ações e interações humanas” (*ibid.*) respeitadas as regras da hermenêutica e da antropologia. Portanto, é fundamental respeitar o primeiro passo, que é entender a necessidade de se dominar a própria cultura na teoria de Kwast (1987), para respeitar o fato na busca dos objetivos geral e específicos.

A pesquisa bibliográfica foi feita através de consultas em livros, teses, dissertações, periódicos, documentos oficiais, internet e legislações que abordem os temas da etnicidade, alteridade, comunicação, processos, interação social, cultura de contato e mediação cultural. Foram recursos advindos da Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima, Fundação Nacional do Índio (FUNAI), do Centro de Informação da Diocese de Roraima – CIDR, nos sites do Museu Nacional, do Instituto Socioambiental (ISA), na 1ª. Brigada de Infantaria de Selva, no 7º BIS, no centro de recrutamento para o serviço militar, nas entrevistas e trabalhos acadêmicos publicados.

### 2.14 Aplicação do método *Rapid Assessment Process (RAP)* nas entrevistas.

Após a coleta de dados das entrevistas do grupo de soldados indígenas, da Junta de Alistamento Militar, dos oficiais e sargentos, as respostas foram compiladas e classificadas por ordem qualitativa. Essas respostas contribuíram para o esclarecimento quanto aos objetivos geral e específicos. Após essa classificação, as respostas mais representativas foram submetidas a uma leitura mais minuciosa para

compor os objetivos geral e específicos. O objetivo foi observar o entendimento de todos os envolvidos para se ter uma visão mais apurada do que é do entendimento geral e do que é um entendimento específico de cada grupo. As respostas contribuíram na elaboração das considerações finais da pesquisa.

Em algumas ocasiões, quando em posse das respostas do grupo dos soldados e da JSM, foi utilizado o método de checagem através do uso d do *Rapid Assessment Process (RAP)*<sup>7</sup>, conforme as instruções de Beebe (2001). É a triangulação de informações para obtenção de mais dados e maior clareza nas informações dos dados obtidos.

O RAP é uma pesquisa etnográfica intensiva baseada em equipe usando triangulação, análise interativa de dados e uma coleta de dados adicionais para desenvolver rapidamente um entendimento preliminar de uma situação a partir da perspectiva do pesquisador. O RAP é especialmente apropriado para uma variedade de situações em que a pesquisa qualitativa é necessária. (BEEBE, 2001, p. 01) – Tradução livre do mestrando.

A aplicação do RAP é incentivar o entrevistado a falar livremente e francamente (BEEBE, 2001, p. xvi) sobre o seu entendimento sobre um ou mais assuntos através das respostas de outros. A triangulação foi feita através das respostas dos dois primeiros grupos, soldados indígenas e Junta de Alistamento Militar. Com isso, objetivou-se um maior entendimento de como a tropa e os seus líderes têm visões quanto a presença de indígenas nas unidades militares, o uso dessa tropa na FFAA, as maiores dificuldades e facilidades e como as unidades militares se comportam ou adaptam o treinamento militar.

---

<sup>7</sup> O *Rapid Assessment Process* ou Processo de Avaliação Rápida (tradução livre do mestrando) foi desenvolvido por James Beebe (2001). Usa a técnica de triangulação de respostas para checagem de resultados. Foi utilizada parcialmente a técnica de triangulação como método de checagem. As fontes dessa pesquisa foram dois grupos, o primeiro formado por soldados indígenas e o segundo por documentos da Junta de Alistamento Militar. Através dessas respostas, elaborou-se novas perguntas para checagem do entendimento, introdução de novos dados e validação das respostas feitas para os oficiais e sargentos do 7º. BIS.

### 3 CAPÍTULO SEGUNDO: O EXÉRCITO E O INDÍGENA

O desenvolvimento deste capítulo visa demonstrar a participação de indígenas nas Forças Armadas do Brasil, seu contexto histórico, social e militar. Essa participação esteve presente nos maiores embates da história brasileira, assim como em outros países. É uma demonstração da prática dos soldados indígenas como fator de “vantagem militar” e uso de seus saberes de terreno e meios de sobrevivência, que se colocam ao dispor do Exército Brasileiro em Roraima. Além disso, o capítulo também aborda a participação de indígenas de outros países em seus respectivos exércitos.

#### 3.1 O Exército Brasileiro em Roraima

Conforme as representações do militar “o Exército Brasileiro (EB) constitui uma das Forças Armadas do Brasil que está presente em todo o território nacional. Possui objetivos constitucionais claros, além de estabelecer a presença do Estado Brasileiro e sua soberania” (MACHADO *et al.*, 2017, p. 421). Dentro das divisões regionais brasileiras de comando, a região que abrange o estado de Roraima está sob a jurisdição do Comando Militar da Amazônia (CMA), criado em 27 de outubro de 1956, sob o decreto no 40.179 da Presidência da República (CMA, 2022) com sede na cidade de Belém (PA). Através do decreto presidencial no. 64.366 de 17 de abril de 1969, a sede do CMA foi transferida para Manaus e englobava os estados do Amazonas, Acre e os territórios federais de Rondônia e Roraima (*ibid.*, p. 6). Foi reafirmada a manutenção desse comando e local em 5 de janeiro de 1982 sob o decreto presidencial no.86.820 (*ibid.*, p. 7).

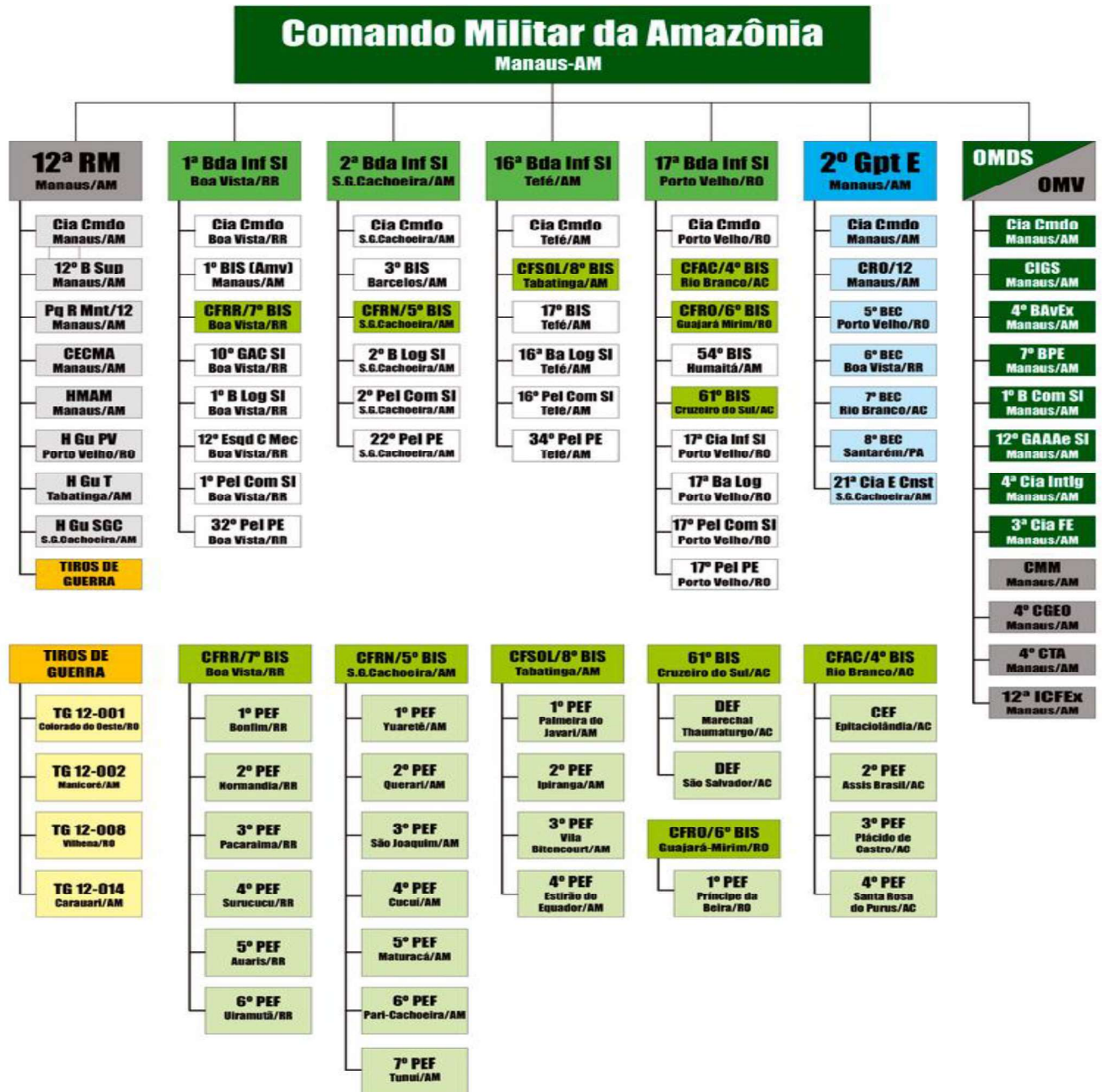
Na hierarquia de postos de comando que atuam na região norte, o CMA lidera os comandos de unidades constituídas de Brigadas de Infantaria dentro de sua jurisdição. No estado de Roraima, há a 1ª Brigada de Infantaria de Selva, que comanda o 7º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS). Esse batalhão coordena todos os Pelotões Especiais de Fronteira (PEF), localizados como postos avançados nas regiões fronteiriças de Roraima com outros países (CMA, 2022).

A 1ª. Brigada de Infantaria de Selva, com sede em Boa Vista (RR), foi criada em 13 de novembro de 1991 (BRASILEIRO, s.d.). É constituída por unidades de apoio, logística, transporte e defesa da fronteira. Na defesa de fronteira, destaca-se o 7º BIS, responsável por seis PEF do estado de Roraima. Através do PEF, há a presença constante do estado brasileiro nas bordas fronteiriças e, por causa da localização territorial de algumas comunidades indígenas, há a convivência e presença militar. As



trocas culturais entre o EB e as comunidades locais são facilitadas pela inserção de soldados indígenas nos pelotões militares, que fazem o papel de intérpretes e de ligação entre os comandantes militares e as lideranças locais. Outros serviços que abrangem a saúde, apoio e prestação de serviços pelos PEF locais ajudam na convivência entre o povo local. A figura a seguir, demonstra todas essas relações.

Figura 01: Gráfico da divisão da estrutura hierárquica das unidades que compõem o Comando Militar da Amazônia.



Fonte: www.cma.eb.mil.br. Acessado em 28/12/2022 às 11:44h.

No alistamento do serviço militar, os voluntários<sup>8</sup> indígenas selecionados são designados para compor as diversas unidades das FFAA. Em Roraima, o 7º BIS recebe muitos voluntários indígenas. Alguns voluntários são designados para comporem os PEF, na região fronteira e perto de muitas comunidades indígenas. A familiaridade e proximidade à região de origem, tornam os soldados indígenas, segundo o EB, uma vantagem tática às suas unidades. São empregados como guias, batedores e líderes de patrulhas nos ambientes de selva, cerrado e serras.

As regiões dos PEF encontram-se em ambientes com meios de transporte e estradas pouco estruturados. Muitas unidades são interligadas por estradas asfaltadas, outras por piçarras e algumas dependem do abastecimento de suprimento via aérea. Uma das atuações dos soldados indígenas nos PEF mais isolados é a de “mediadores culturais”. Essa mediação cultural é a ligação cultural entre o comando local e a população local. Isso é possível porque os soldados indígenas, às vezes, são conhecedores da língua nativa e das tradições locais, formas de convivência e práticas cotidianas em comunidade.

### 3.2 A Mediação Cultural e a participação indígena em conflitos armados nos Séculos XVI a XIX.

Através do entendimento da mediação cultural, é possível vislumbrar o “sucesso nas batalhas” relatadas pelas FFAA coloniais no século XVII, contra as invasões holandesas, registradas por Fujimoto (2016). Um dos fatores que mais contribuíram para essas vitórias, foi a adesão e participação indígena nesses conflitos armados. A batalha final de Guararapes em 19 de fevereiro de 1649, teve a participação ativa de líderes e contingentes indígenas, como no caso de Antônio Filipe Camarão (LOPES, 2011; MOREIRA, 2004). Além dos próprios indígenas, a mediação do Padre Antônio Vieira foi importante para a arregimentação de indígenas para compor a tropas coloniais. A atuação conjunta de indígenas, escravos afrodescendentes e portugueses nos conflitos contra os holandeses, é reconhecidamente um fator que marca o início da construção da identidade nacional brasileira e do EB (GONDIM, 2020; CASTRO, 2002).

No Brasil Imperial (1822-1889), Vargas (2005) descreveu a participação dos índios Terenas nas contendas com o Paraguai (1864-1870). Esses relatos revelaram a

---

<sup>8</sup> O termo voluntário significa que foi perguntado ao alistado se ele quer fazer parte do serviço ativo. A quantidade de alistados é sempre maior que o número de vagas disponíveis para o serviço militar, então as OM dão preferência para aqueles que querem entrar no período básico de serviço militar ativo.

importância dos Terenas no exército imperial brasileiro e a importância da mediação nesse período histórico.

Na realidade numa volta além, achava-se a aldeia, cujos ruídos cada vez mais intensos, denunciavam a vida e a animação do trabalho. Significava o final de todos os nossos sofrimentos! Alegrou-nos o espírito e o corpo, abrindo largos horizontes ao nosso direito de compensações, após tão longos dias de tamanho penar e tamanhas privações [...] Foi a reação estrepitosa [dos índios]. Explicamos a razão de nossa chegada, e quase andando aos braços, no meio daquela boa gente [os Terena], fomos a ter à casa do capitão José Pedro, que nos acolheu, não como um chefe de índios [Terena] mais como um filho da civilização (TAUNAY *apud* VARGAS, 2005, p. 2).

A mediação do cacique<sup>9</sup> José Pedro, com outorga de um posto militar de relevância, proporcionou a formação de uma força terrestre (FT) indígena mais numerosa e voluntária para os combates. Além da presença física, logística de abastecimento de alimentos e o conhecimento da região, proporcionaram condições e informações para a vitória do exército.

[...] o certo é que a disposição indígena para a front no Mato Grosso e em outros locais, superou, muitas vezes, os contingentes angariados de guardas nacionais e voluntários da pátria. Como deixou registrado Taunay, o capitão José Pedro, terena, arrecadara 275 homens, aos quais somaram-se mais 39 quinquinaus e 20 lainos, num total de 334 soldados “oferecendo-se com espontânea disposição e servindo com toda dedicação”; já um oficial não indígena, o tenente-coronel Caetano da Silva Albuquerque, não chegou a juntar cem homens [...] (DORNELLES, 2021, p. 3).

### 3.3 A Participação indígena em conflitos armados recentes no Brasil e no Equador

O conflito mais recente, ocorreu no ano de 1991. Envolveu o EB e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)<sup>10</sup> na Amazônia Brasileira. Esse fato desencadeou a Operação Traíra, relatada por Montenegro (TRAÍRA, 2021), com o destaque na participação de militares do povo Tucano. Essa operação militar foi uma resposta ao ataque do destacamento do EB no estado do Amazonas pelas FARC no dia 26 de fevereiro de 1991. O destacamento brasileiro estava alocado às margens do Rio Traíra, fronteira com a Colômbia, em ambiente de floresta densa. O pequeno destacamento do EB de dezessete militares foi surpreendido e rapidamente dominado.

<sup>9</sup> O termo cacique é aplicado aos indígenas que ocupa o cargo de chefe entre os indígenas Terenas. Na região norte, especificamente em Roraima, os chefes das comunidades são conhecidos como Tuxauas.

<sup>10</sup> As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, conhecidas como FARC é um braço armado do movimento socialista naquele país, que historicamente utiliza a guerrilha para se colocar no poder e em evidência.

Três militares brasileiros foram mortos durante a investida contra esse destacamento de selva.

Um dos elementos que colaborou para uma rápida resposta militar por parte do EB e, em parte, para o sucesso dessa operação foi a presença de soldados indígenas que compuseram o destacamento militar em resposta ao ataque. Esses soldados indígenas conheciam a região. A pedido de um cacique<sup>11</sup> da etnia Tucano, houve a concordância e inserção de trinta jovens tucanos no 1º Batalhão Especial de Fronteira no ano de 1990. Foi uma iniciativa do comandante Tenente-Coronel Evandro Pamplona Vaz. Isso proporcionou a essa unidade um contingente de militares conhecedores da região e posterior participação de rastreamento e combate na fronteira amazônica (TRAÍRA, 2021).

A ocorrência de militares indígenas na FT faz parte da orientação do EB na formação de seus contingentes. A partir da diretriz do Ministério da Defesa,

[...] expressa nas portarias MD/SPEAI/DPE n. 983 de 17/10/2003 e MD/EME n. 020 de 02/04/2003, os comandos locais priorizam a incorporação de rapazes oriundos das comunidades indígenas que queiram voluntariamente se alistar, gerando toda uma ordem nova de questões dentro do que estamos descrevendo como “convivência entre índios e militares (SANTOS, 1976, p. 30).

A Operação Traíra foi nomeada como resposta ao ataque da unidade no Rio Traíra. Aproximadamente quarenta guerrilheiros das FARC da Frente Simón Bolívar, participaram da operação. Roubaram armas, equipamento de comunicação e mantimentos e retornaram à selva. O intuito das FARC era dissuadir a presença militar na região, pois atrapalhava a mineração ilegal no rio e nas imediações.

Várias unidades militares, das três FFAA, realizaram a operação em conjunto. Em menos de dez dias após o ataque, dois militares tucanos rastrearam as margens do rio Traíra e encontraram a trilha que levava ao acampamento dos guerrilheiros. Segundo Montenegro (TRAÍRA, 2021), o EB conseguiu surpreender os guerrilheiros, recuperar grande parte do material roubado e manter a soberania brasileira na região.

No conflito militar entre Equador e Peru, conhecido como Guerra do Cenepa (1995), o Equador utilizou conhecimentos dos indígenas *Shuar* e *Arutan* e alguns contingentes militares da etnia *Iwias*, formados pela *Escuela de Formación y Perfeccionamiento de Nativos del Ejército*. No ano desse conflito foi formado o *Batallon Escuela de Operaciones Especiales* (ITURRALDE; FRANCHI, 2022).

---

<sup>11</sup> Termo utilizado entre os Tucanos para designar o chefe da comunidade.

Percebe-se aqui a importância da mediação e participação dos povos indígenas pelo EB, uma vez que a presença em várias partes da Amazônia Legal é constituída de povos da floresta e de frações do EB. A colaboração em informação, formas de sobrevivência e conhecimento da região são importantes à constituição da eficácia da FT quando se pensa em defesa e fronteiras.

#### 3.4 Pelotões Especiais de Fronteira (PEF)

Pelotões Especiais de Fronteira (PEF) são grupamentos militares do EB, que estão posicionados em pontos estratégicos nas fronteiras ou em eixos que expressem a presença do Estado Brasileiro. O objetivo descrito é garantir a integridade nacional, o patrimônio e a soberania (MORAES, 2021). Portanto, são instrumentos do Estado Brasileiro para cumprir as diretrizes do Objetivo Nacional de Defesa (BRASIL, 2020, *apud* MORAES, 2021, p. 102).

A constituição e quantidade de militares em cada PEF variam para atenderem a demanda de cada região. As finalidades principais estão voltadas ao combate e reconhecimento da região onde está aquartelado. Conforme a figura 02, as localizações dos PEF são em áreas fronteiriças, em pequenas vilas ou cidades menores, às vezes, perto ou dentro de regiões de convivência de comunidades indígenas. Há uma intensa relação entre as comunidades locais e os membros destes destacamentos, por causa do reconhecimento e prestação de serviços de segurança, assistência médica-odontológica e por ser, em muitos casos, a única presença de ação governamental.

Cada pelotão é chefiado por um tenente com pouco mais de 25 anos que exerce o papel de comandante militar, prefeito, juiz de paz, delegado, gestor de assistência médico-odontológica, administrador do programa de inclusão digital e o que mais for necessário assumir nas comunidades carentes das imediações, esquecidas pelas autoridades municipais, estaduais e federais (MORAES *apud* VARELLA, 2021, p.103).

Além da presença, os PEF fazem parte da FT que cumpre as chamadas ações preventivas e repressivas na faixa terrestre de fronteira, nas ações isoladas ou em conjunto com outros órgãos governamentais (DEFESA, 2019). As faixas fronteiriças são parte do território nacional e são espaços geográficos que ficam nas bordas territoriais com outros países. Diferencia-se de outras partes do território nacional por causa das influências dos países vizinhos, em muitos casos, com intenso comércio entre moradores dos dois lados da fronteira. É uma característica diferenciada dos

habitantes fronteiriços, que podem ser ribeirinhos, indígenas ou pessoas de pequenas vilas e cidades.

Figura 02: Localização dos PEF e OM que realizam sua gestão



- Comandos de Fronteira – Organizações Militares do nível Batalhão
- Companhias Especiais de Fronteira
- Pelotões Especiais de Fronteira
- Destacamentos Especiais de Fronteira

Fonte: disponível em <https://www.defesaemfoco.com.br> – acessado em 31/01/2023 às 17:39 h.

### 3.5 Serviço Militar

Art. 1º A Junta de Serviço Militar (JSM) é o órgão pertencente à estrutura administrativa da prefeitura municipal que integra o Sistema Serviço Militar como órgão executor. Em virtude dessa condição, as JSM possuem vinculação técnica e operacional aos demais órgãos de serviço militar (PRM) (EB Portaria No. 326-DGP, de 23 de dezembro de 2019).

As informações individuais de cada alistamento ao serviço militar abastecem o sistema eletrônico de recrutamento. O EB utiliza o Sistema Eletrônico de Recrutamento Militar e Mobilização (SERMILMOD) para selecionar aqueles que serão convocados para a “seleção geral”. As informações individuais registradas no sistema eletrônico,

fazem parte das instruções da Diretoria de Serviço Militar (DSM) que determinam as primeiras fases até a incorporação. São cinco fases que compõem a entrada para o serviço militar e inicia com o alistamento on-line ou presencialmente, a seleção geral, a designação, seleção complementar e a incorporação na Organização Militar, conforme a Lei no. 4.375 de 17 de agosto de 1964.

O questionário de alistamento militar é composto de questões que abrangem a vida pessoal, região de moradia, emprego de familiares e a motivação para entrada nas FFAA. Através das respostas a esse questionário, há a adoção da dispensa ou continuação para a fase de seleção geral. Regiões de moradia em Municípios não Tributários, escolaridade abaixo do ensino médio, ser falante da Língua Portuguesa, arrimo de família, entre outros aspectos.

O caminho natural dos candidatos ao serviço militar inicia-se no alistamento militar nas JSM, on-line ou presencial. Os candidatos alistados serão submetidos à seleção através do sistema da SERMILMOD. De todos os alistados, o SERMILMOD já dispensa ou seleciona os aptos para a seleção geral. A seleção geral consiste-se em entrevistas, exames médicos e odontológicos e testes psicológicos. Ao passar para essa fase, os selecionados vão para o período básico, que consiste de adestramento e treinamento militar. Após esse período, são enviados para compor os contingentes das Organizações Militares (OM), onde cumprirão o restante do tempo de serviço militar obrigatório.

Durante o tempo de serviço militar obrigatório, o soldado pode se candidatar à qualificação nos Curso de Formação de Cabos (CFC) ou Curso de Formação de Sargentos Temporários (CFST). Isso permite que o tempo máximo nas fileiras do EB possa ser até oito anos. Depois disso, são dispensados do serviço ativo e vão para a reserva das FFAA.

Na dispensa do soldado, o EB promove a integração na formação profissional com o projeto Soldado Cidadão, mediante vagas disponíveis, através do convênio com o “Sistema S”,

Termo que define o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest) (SENADO, s.d.)



A função da JSM termina quando se designa um determinado número de candidatos às OM de uma seleção geral, tanto de inscritos presencialmente quanto online. O abastecimento de dados pessoais dos candidatos, dá ao sistema de seleção todos os parâmetros para a dispensa ou para continuar a seleção. O trabalho da JSM termina quando entrega a lista de candidatos que irão continuar na seleção geral e, para aqueles que foram dispensados do serviço militar, numa cerimônia de entrega de certificado de reservista.

A Junta de Serviço Militar (JSM) de Boa Vista (RR) está localizada na Avenida Mario Homem de Melo, 2295, Bairro Mecejana, na cidade de Boa Vista (RR). No mês de novembro de 2022, foi agendada uma visita para uma busca ativa de documentos que esclarecessem como é o sistema de alistamento militar. Os funcionários da JSM são provenientes da prefeitura local e a JSM é uma repartição sob a responsabilidade administrativa de cada prefeitura, por sua vez sob a orientação técnica do Exército Brasileiro. Os funcionários da JSM direcionaram a procura de dados no site na internet, com o nome de “Junta de Serviço Militar”. As informações são abertas ao público e esclarecem as instruções, regras iniciais e o papel da JSM no alistamento militar.

Esse é o principal órgão representativo de alistamento militar e o caminho inicial para identificação e a indicação dos candidatos aptos à próximas fases ao serviço militar. O alistamento é obrigatório a todo jovem do sexo masculino, no primeiro semestre do ano que completar dezoito anos. As JSM estão localizadas em municípios classificados como região administrativa tributável. Essa é uma classificação das FFAA, que indica que poderá contribuir com candidatos ao serviço militar ativo.

Após o preenchimento de dados pelo candidato, o sistema de alistamento militar inicia a seleção e os selecionados serão chamados para a uma outra fase, ou, no caso de recusa pelo sistema, para a dispensa do serviço militar. A fase final do trabalho desse órgão ocorre com a entrega de uma lista de candidatos para o serviço militar às OM e na entrega do certificado de reservista aos candidatos dispensados. A dispensa ocorre automaticamente aos jovens que não possuem o ensino médio, são arrimo de família, moradores de região administrativa não tributável ou considerado com alguma incapacidade física para o exercício da função. Esses são critérios iniciais de seleção do alistamento militar.



#### 4 CAPÍTULO TERCEIRO: A CONSTRUÇÃO DO SOLDADO INDÍGENA

As entrevistas com soldados do 7º BIS ocorreram entre os dias 12 e 14 de abril de 2023 nas dependências dessa OM. Foram autorizadas pelo CMA, 1ª Brigada de Infantaria de Selva e pelo comando do 7º BIS. Participaram trinta e quatro soldados indígenas com idades de 18 a 26 anos, nos postos de recruta em formação e soldados combatentes de selva, chamados aqui de soldados engajados. Todas as entrevistas foram individuais, com a leitura do TCLE e, quando necessário, a explicação do sigilo e autorização do uso das informações fornecidas para fins dessa pesquisa.

Para não perder detalhes das entrevistas e o grande número de entrevistados, foram feitas gravações em áudio de cada entrevista, com autorização de cada participante. As transcrições dos áudios serão anexadas nessa pesquisa. Cada entrevista foi numerada para garantir a identificação e manutenção do sigilo individual. As informações serão utilizadas somente para a pesquisa.

Optou-se por entrevistar todos os soldados indígenas que se voluntariaram para este fim, além dos soldados Wapixana. O objetivo foi levantar mais dados que abrangessem o contexto em que os Wapixana estão envolvidos. Dentro do grupo de trinta e cinco entrevistados, havia um Sanumá, dois Sapará, mais conhecidos como Taurepang, cinco Wapixana e o restante era Makuxi. Todos falavam a Língua Portuguesa e a maioria havia entrado no programa de treinamento militar nesse ano.



Figura 03: Proporção entre as diferentes etnias entrevistadas nesta pesquisa.

O 7º BIS recebe um contingente anual de vários candidatos indígenas, que são submetidos à segunda fase do alistamento militar, que é o recrutamento. Nessa segunda fase, são feitas entrevistas pessoais, exames médicos, psicológicos, odontológicos e físicos. Os mais aptos e voluntários são selecionados para a fase de treinamento militar que dura quatro meses. A partir do quarto mês, os que conseguem concluir o período básico com êxito, recebem uma boina que os promove a soldados combatentes de selva. Durante essa fase de recrutamento, caso não haja o preenchimento do efetivo desejável para compor a OM, as vagas são completadas com os aptos ao serviço militar, mas que não escolheram ser voluntários.

O treinamento básico abrange o ensino da doutrina militar, técnicas de uso de armas, regulamentos militares, deveres e obrigações. São incentivados a trabalharem em equipes e desenvolverem o espírito de corpo de infantaria de selva, através da cooperação, respeito, camaradagem e bom trato com seus colegas. Todos os recrutas são designados para a 3ª Companhia, dividida em vários pelotões. A companhia possui aproximadamente duzentos e quarentas recrutas, comandada por um capitão e é auxiliado por tenentes, sargentos e cabos.

Após o quarto mês, recebem o posto de soldado e todos são transferidos para a para a 1ª Companhia, onde convivem com soldados mais experientes. São também divididos em vários pelotões. Essa companhia é designada para o trabalho de combate e apoio geral aos PEF de Roraima e como reserva de combate. Em Roraima, os seis PEF estão sob a responsabilidade do comando do 7º BIS. Estão localizadas nos municípios de Bonfim, Normandia, Pacaraima, Uiramutã e nas regiões de Auaris e Surucucu.

Os militares indígenas com o treinamento básico completo, recebem outros tipos de instrução para o seu aperfeiçoamento e uso militar. Muitos são motoristas, trabalho de manutenção de barcos e motores, armeiros, comunicações, infantaria entre outros. Os soldados indígenas entrevistados ocupavam os diversos postos de trabalho e muitos ocuparam a função de combatente nos PEF das regiões fronteiriças de Roraima com outros países. A presença indígena estava nos outros setores dentro do 7º BIS.

Já, o questionário para oficiais e sargentos teve o objetivo de conhecer a vivência tanto das OM de grande monta como o 7º BIS, como as de pequena monta, que são os PEF. Nas dependências do 7º BIS, a entrevista com esse grupo foi realizada no dia 14 de abril de 2023. Foram entrevistas individuais, confidenciais e todos assinaram e

concordaram com o TCLE. Autorizaram as gravações das entrevistas em áudio e posterior uso para a pesquisa e transcrição. Todos foram voluntários para essa participação e receberam uma numeração de identificação para manter o sigilo pessoal.

A composição desse grupo foi de um oficial superior com a patente de Major, um tenente, seis sargentos e cinco cabos. Todos prestaram serviço nos PEF localizados nas bordas ou em áreas indígenas. Atualmente, alguns ainda atuam diretamente nesses lugares ou em instrução de soldados conforme a sua função de posto militar.

Não foi utilizado um questionário estruturado. Privilegiou-se o desenvolvimento temático, através da apresentação dos assuntos mais destacados durante a coleta de dados entre o grupo de soldados indígenas. Seguiu-se as instruções de Beebe (2001), para confirmar e entender os dados fornecidos pela JSM e de soldados indígenas. Os principais temas foram sobre o processo de alistamento, os treinamentos e adaptação dos indígenas na FT, a avaliação e designação de trabalhos no 7º BIS e nos PEF, a formação e dificuldades dos recrutas, as dificuldades geradas nas diferenças culturais e as trocas de influências entre o indígena e o EB.

Em todas essas organizações em Roraima, há a presença de soldados indígenas, de diversas etnias. A entrevista abordou o que cada oficial, desde o posto de major a tenente, a visão da realidade de unidades militares de fronteira. Não havia nenhuma instrução escrita sobre o uso das capacidades dos soldados indígenas das unidades, instrução militar específica ou disciplinas que abordassem os contextos culturais, fenomenológicos ou linguísticas das etnias indígenas.

O caminho de alistamento dos soldados indígenas é pela JSM, principalmente da cidade de Boa Vista (RR). Os que moram em lugares mais distantes, como a região de Surucucu, noroeste do estado de Roraima, a informação é que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) providencia a vinda de alguns jovens para o alistamento. Atualmente, para compor as necessidades de contingentes de soldados, muitos indígenas ou mesmo moradores das cidades são requisitados para a incorporação, pela baixa adesão ao serviço militar voluntário.

Não existe nenhum treinamento específico para indígenas, contudo quando há um indígena incorporado, os comandantes de pelotões utilizam as habilidades de comunicação, entendimento da cultural local e como guias para facilitar as operações militares. A comunicação e o entendimento culturais são utilizados principalmente com os moradores da região. Os tenentes, comandantes dos PEF não possuem uma instrução escrita específica no uso das habilidades indígenas, mas são informados

pelos componentes dos PEF, das habilidades, qualidades e informações necessárias de seus componentes, na troca de comando.

O soldado indígena é muito utilizado na comunicação com os tuxauas, líderes e moradores, por causa do conhecimento do cotidiano. Isso minimiza os conflitos entre soldados e indígenas. São intérpretes e transmitem as intenções e instruções dos comandantes de PEF em determinada área indígena.

O entendimento é que muitos líderes indígenas não se agradam do serviço militar, pois preferem seus jovens nas aldeias. Contudo, o olhar sobre o EB é como um amigo, pois recebem ajuda através de assistência médica, odontológica e alimentação.

#### 4.1 Fatores que contribuem na construção da representação simbólica do Guerreiro Militar<sup>12</sup>

O processo de alistamento militar é universal. O processo da construção de um guerreiro militar se inicia quando ele adentra ao quartel para a serviço ativo.

A maioria dos indígenas é dispensada do serviço militar pelos critérios atuais de alistamento. Alguns critérios de seleção ao serviço militar, como a localização das comunidades em regiões não tributárias ao serviço militar, colaboram para a dispensa do serviço ativo. Contudo, adota-se critérios de alistamento mais flexíveis quando não se preenchem as vagas disponíveis nas OM.

O processo na construção do guerreiro militar, a participação das OM é vigorosa. O incentivo na convivência no ambiente militar, na adaptação à doutrina e disciplina militares, no incentivo para o condicionamento físico e mental como soldado combatente de selva, bem como no orgulho por pertencer ao EB. Um trecho da entrevista<sup>13</sup> do soldado que não foi voluntário para o recrutamento, revela esta representação construída:

[...] sou soldado, combatente de selva. Sou da 1ª Cia. Tô [sic] há dois anos no EB. Eu não queria ser militar. Fiz o meu alistamento na JSM por obrigação. Me chamaram e perguntaram se eu queria ser voluntário. Disse que não. Mas mesmo assim tive que me apresentar no 7º BIS, fazer os exames médicos, físicos...depois fui convocado para servir. Estou há dois anos no EB. Podia dar baixa no final do primeiro ano. Mas gostei. Hoje sou uma pessoa diferente, tenho mais respeito. Mais respeito por todo mundo. Trato todo mundo com

<sup>12</sup> Soldado indígena combatente de selva

<sup>13</sup> O nome de todos soldados entrevistados foi suprimido, conferindo números de 01 a 36 conforme a ordem em que foram entrevistados. Para efeito de sigilo, a entrada bibliográfica fará referência ao número sequencial do entrevistado após a sigla EB, para Exército Brasileiro.

respeito. Antes eu não estava acostumado a chamar os mais velhos de senhor ou senhora. Agora sou mais quieto, falo menos, brinco menos. Todo mundo lá em casa notou a diferença. Meus amigos da comunidade sempre me perguntam como é o quartel. Falo [sic] que é bom, é difícil no começo, mas é bom, aprendi a respeitar as pessoas. Sou uma pessoa melhor, mais respeito. Aqui eu conheço todo mundo. Tenho orgulho de vestir a farda, de ser do 7º BIS. Tenho orgulho de ser do EB. Não sei quanto tempo vou ficar. Tô [sic] aprendendo muita coisa a cada dia. Vai ser bom para o meu futuro. Hoje eu penso no futuro, estudar mais. Eu ajudo a minha família. Antes eu só queria sair, rir muito e ir para as festas. Eu sei andar na selva e conheço mais a selva que os outros soldados (não indígenas). Não sei quanto tempo vou ficar no EB. (EB10, 2023).

O relato anterior se inicia como alguém que se identifica como “combatente de selva” e que não foi voluntário para o serviço militar. Isso demonstra que o processo simbólico de construção do guerreiro militar é uma realidade nesse depoimento. O “combatente de selva” é um termo militar que designa uma pessoa que adquiriu habilidades e é reconhecido porque passou pelos treinamentos básicos, reconhece os símbolos militares e desenvolveu a habilidade de combate.

Um outro fator que contribui no processo de construção simbólica do guerreiro militar é pessoal. Está na vontade de pertencer ao EB, mesmo que os critérios de engajamento possam causar a dispensa. A influência de um amigo ou de um parente que já pertenceu às FFAA contribui para que desperte essa vontade. Isso é demonstrado pela entrevista EB12 (2023), que contribui para esse entendimento:

[...] meu pai foi soldado do 7ºBIS. Foi cabo no PEF, perto de nossa comunidade. Ele sempre quis que um dos filhos fosse do EB. Tá [sic] bom para mim. A comida é bem diferente. Lá a gente come caça, peixe, farinha. Aqui a gente come arroz, macarrão, frango. Não é ruim. Eu vim no avião da Funai com um parente doente. Fiquei na CASAI<sup>14</sup> e fui de pé [sic] até a Junta Militar. Fiz tudinho. Eu fiz o 2º ano do ensino médio lá na comunidade. Me alistei e agora tô [sic] servindo. Sô [sic] recruta. Eu quero voltar lá no PEF de Surucuru<sup>15</sup> [...] (EB12, 2023).

A recusa para o serviço militar de muitos indígenas parece ser determinada, principalmente, pela falta de escolaridade. Isso pode ser comprovado pela quantidade cada vez menor de candidatos que são aptos ao recrutamento. Há muitos alistados, seja de comunidades ou das cidades, porém a maioria é dispensada na primeira fase, pelo sistema digital das JSM ou pelas entrevistas subsequentes de seleção. A entrevista com os oficiais do 7º BIS revelou que o número ideal de alistados selecionados sempre foi de três a quatro vezes maior que

<sup>14</sup> CASAI é a Casa do Índio, local onde os enfermos indígenas recebem os cuidados de enfermaria localizada na cidade de Boa Vista e são hospedados até o retorno às suas comunidades.

<sup>15</sup> Surucucu faz parte do município de Alto Alegre e se localiza numa região não tributária ao serviço militar.

as vagas abertas ao recrutamento. Contudo, no ano de 2022 isso diminuiu para um pouco mais de um candidato por vaga de recrutamento e, na opinião deles, evidenciou a tendência dos últimos anos.

[...] lá onde moro, todos que eu conheço, todos meus amigos se alistaram. Lá tem a Junta militar. É fácil. Mais [sic] só eu consegui entrar no Exército. Acho que tem que continuar a mesma seleção para entrar. Não sei não porque os outros não passaram na entrevista não [sic]. Eu queria servir, ser soldado. Acho bonito usar a farda. E tô [sic] aprendendo muita coisa, mais respeito, mais horário, falar melhor com as pessoas, coisas assim [...] (EB26, 2023).

Percebe-se que as impressões sobre a vida militar atual e como isso influenciou suas vidas estão presentes nesse trecho de entrevista. As instruções militares visam a aprendizado contínuo de regras, conduta, símbolos, novas habilidades, camaradagem e linguagens corporal e falada. Houve muitos relatos que indicaram que o interesse pelo serviço militar foi influenciado por parentes que já foram militares ou pela visão de militares marchando ou fardados. Isso formou uma figura imaginária do que representava ser um soldado.

Ao adentrarem no treinamento militar, a primeira impressão é que todos são tratados igualmente, seja no corte do cabelo, no mesmo fardamento, dormir e pertencer à mesma companhia, ser ensinado com as mesmas regras. Todos relataram que foi perguntado quem era indígena. Não houve um treinamento ou tratamento diferencial por ser de uma ou outra etnia. Alguns instrutores e soldados engajados não indígenas, às vezes chamam os recrutas indígenas de “chôri”<sup>16</sup>. Alguns soldados indígenas engajados há mais de um ano disseram que era uma generalização para indígenas. Não significava algo bom ou ruim, mas uma generalização. Um dos sargentos entrevistados, disse que ouviu esse termo pela primeira vez no PEF de Auaris, e que era um chamamento para pessoas do sexo masculino.

A convivência próxima entre os soldados é incentivada no 7º BIS, mesmo com costumes, língua e cultura diferentes. Os Wapixana também são expostos à multiculturalidade dentro do EB. Essa convivência está no fato de dormirem no mesmo alojamento, irem fazer as refeições juntos, treinarem juntos e as atividades feitas em grupos, entre pelotões ou companhia. Portanto, nesse ambiente, independentes de uma etnia ou de não serem indígenas, todos são expostos à doutrina militar para que

---

<sup>16</sup> Chôri ou Xôri no dialeto Phalimiteli significa cunhado ou amigo. Esse é um dos dialetos que compõem a língua do povo conhecido como Ianomami.

seja absorvida e desenvolvida o sentimento de unidade, de camaradagem e de pertencimento.

Pode-se observar as diferenças, conhecimento e opiniões compartilhadas entre os novos recrutas e os soldados indígenas engajados há mais de um ano. Os recrutas disseram que o início da vida militar foi muito difícil. Não estavam acostumados às marchas, horários rígidos dentro da vida no quartel, exigência no respeito à hierarquia e o aprendizado constante de sinais e símbolos militares. A identificação que o toque da corneta representa uma ordem, um aviso, uma identificação ou um horário, demorou para ser absorvida. Os hasteamentos das bandeiras representam o início do dia, a presença de uma autoridade e um símbolo de respeito.

O aprendizado e reconhecimento dos símbolos utilizados no EB são ensinados diariamente, repetidamente várias vezes ao dia. O entrosamento dos indígenas é atrelado ao pertencimento ao seu pelotão e à sua companhia. O pelotão é uma unidade menor e a reunião de três ou quatro pelotões compõem a companhia. O pertencimento, a união e camaradagem são desenvolvidos com a superação dos testes de treinamento comemorados por todos. Esse pertencimento é reforçado quando há a entrega da boina de “guerreiro da selva”, que é um marco na vida do recruta. Esse fato é significativo por ser um símbolo de superação e pertencimento por merecimento ao 7º BIS como combatente de selva, assim como os ritos de passagens do menino indígena para o adulto guerreiro.

Há vários símbolos que designam o pertencimento. Os símbolos podem ser representados por pertencer à 3ª Companhia de recrutas ou pela 1ª Companhia, dos soldados engajados. Há outros, como as bandeiras com significados diversos, os toques de cornetas, divisas no uniforme que demonstram a hierarquia, hinos, as boinas de guerreiro de selva e o uniforme camuflado. A construção do soldado ocorre através do estabelecimento, uso e aceitação desses elementos, inserindo em cada um o sentimento do que é ser soldado e pertencer ao EB.

[...] lá na comunidade eu era líder. Era capataz. Chamava todo mundo para o serviço. Aqui no 7º BIS somos do melhor batalhão de infantaria de selva que existe. Eu tenho orgulho. Não conhecia muito do Exército não [sic]. Eu tinha sonho de ser soldado. Hoje eu sei as ordem [sic] quando vem o toque da corneta. Todos aqui se conhecem. A gente se ajuda, se respeita. Quando dão uma ordem, todo mundo faz. A gente sabe o que tem que fazer. Eu aprendi a chamar os outro [sic] de senhor, por respeito. A cada dia a gente aprende mais. Se for preciso combater eu vou. Hoje eu sei que devo defender minha comunidade, meu país (EB16, 2023).

Nas questões sobre o nome da comunidade e etnia que pertenciam, alguns frisavam que o nome generalizado de uma etnia não representava o povo a que pertencia. Vários exemplos foram citados durante as entrevistas. Um Ianomâmi disse que era Sanumá e o outro entrevistado, Saporá, mas todos conheciam como Taurepang. Isso demonstrou que a alteridade é preservada através do reconhecimento de quem é, mesmo diante das generalizações, e pelos nomes de suas comunidades.

As diferenças na alimentação e na manutenção da língua materna foram assuntos muito destacados. Os Wapixana ressaltaram que, mesmo sendo soldados brasileiros, falavam a língua Wapixana quando iam para suas comunidades.

A militarização dos Wapixana não ruiu com a sua representação de pertencimento ao seu povo. Por outro lado, todos eles disseram que se “tornaram pessoas melhores, mais conscientes de suas responsabilidades como cidadãos e indígenas”. Com o que aprenderam, poderiam dar bons exemplos aos mais jovens.

[...] eu aprendi Wapixana na escola e na minha casa. Minha mãe fala Wapixana. Meu avô fala Wapixana. Depois que entrei no Exército, eu acho que sou melhor. Conheço algumas coisas a mais. Eu sei viver no lavrado, andar no mato. Sei qual [sic.] frutas comer. Onde tem água. Não passo fome não [sic]. Ando mais rápido. Sei andar no mato. Os outros [sic.] não sabe não [sic.]. Muitos amigos da comunidade me perguntam como é o Exército, falam que eu mudei. Não bebo mais, não bagunço. Todos falam [de mim] que “ele é do Exército, tá [sic.] mudado” (EB11, 2023).

O processo de militarização dos indígenas constrói uma “visão de futuro”. Na carreira de soldado de selva, o tempo máximo de permanência na tropa são oito anos. Neste período é possível ficar como soldado ou fazer os cursos de Cabo ou Sargento Temporário dentro do 7º BIS. O Batalhão também possui convênio com cursos profissionalizantes, mas não consegue atender a todos os soldados que cumprirem o tempo máximo.

Os mais jovens, principalmente os recrutas, disseram que conseguirão pagar com o seu soldo, as aulas e provas para retirar a Carteira Nacional de Habilitação. Um dos entrevistados disse que está economizando para pagar uma faculdade de engenharia. Outros fizeram a correlação entre o que estão aprendendo no EB e o futuro. Creem que os conhecimentos adquiridos proporcionarão condições para uma carreira futura nas polícias militares ou civil e em outras carreiras. Na percepção dos indígenas, a vida de disciplina e conversas com os instrutores de pelotões ajudam a pensar mais no futuro e terem melhores expectativas de vida, depois do EB.



[...] eu penso no futuro sim. Os tenentes, os sargentos conversam muito com a gente sobre estudar, olhar para o futuro. Eu quero ser engenheiro da construção. Tô [sic.] guardando o que ganho para pagar os meus estudos. Depois que eu sair do Exército, vou para a faculdade (EB28, 2023).

#### 4.2 A representação do “Espírito Militar” do soldado indígena

Como já discutido, o processo de militarização dos indígenas os remete a uma visão de futuro. Trata-se de uma convergência simbólica do “guerreiro indígena” com sua cultura, etnicidade, fronteiras e alteridade. No processo de alistamento militar, a construção do exercício da cidadania ocorre com recebimento do certificado de reservista como um documento necessário e comprobatório de tal processo. Contudo, a segunda fase que é a do recrutamento, o sistema de alistamento indica aqueles que continuarão nessa fase e os demais que serão dispensados. Alguns fatores, porém, impedem o acesso ao serviço de recrutamento e treinamento militar para muitos candidatos. Por causa dos critérios mínimos para garantir a aptidão ao serviço militar ativo, a maioria dos alistados não fazem o treinamento militar.

A instrução militar é geral e abrange todos os recrutas, independentes de serem ou não indígenas. Assim como foi relatado pelos indígenas, os instrutores afirmam que o treinamento é padrão para a formação militar de um soldado combatente de selva. Contudo, o respeito à hierarquia, à ordem, ao horário e aos símbolos são impostos à exaustão. Isso reconfigura a cultura de cada um e promove a construção do “espírito de corpo” do soldado de selva. Por outro lado, o uso do conhecimento da linguagem tradicional, elo cotidiano na comunidade, é empregada pelos oficiais e sargentos através de soldados indígenas em missões que ocorrem dentro ou ao redor das comunidades. Tanto no contexto de missão de reconhecimento ou de apoio social às comunidades indígenas, o soldado indígena tem uma posição de destaque. É um representante do EB quanto um mediador entre as culturas militares e indígenas.

Especialmente nas missões de selva ou de lavrado, um “grupo de combate”<sup>17</sup> se mostra mais eficaz quando há saberes locais sobre região em que irão se infiltrar. As missões militares em lugares de selva densa, que são lugares de difícil deslocamento e desconhecidos para a maioria dos militares, são as que mais necessitam de presença indígena como elemento de segurança emocional, física e tática, mesmo para os comandantes com cursos de guerra na selva. Essa confirmação foi feita por quase

---

<sup>1717</sup> Grupo de Combate ou GC é composto por um pouco mais de seis militares, comandada por um oficial ou sargento. É a menor fração militar quando se trata de um grupo.

todos os recrutas e soldados indígenas, que alegaram o quanto sabem e podem ser usados nos deslocamentos, na busca por alimentos e recursos diversos. Sargentos<sup>18</sup> formados em guerra na selva também confirmaram que se sentem mais seguros em missões na selva, com indígenas nos seus grupos.

#### 4.3 Os símbolos e ritos que convergem o “Guerreiro indígena” no “Guerreiro Militar”

Os ritos ou rituais de passagem fazem parte da construção simbólica do guerreiro indígena. Alguns ritos demarcam a mudança de um jovem para a fase adulta. “Os rituais indígenas eram considerados tanto transmissores das representações sociais e das crenças, quanto poderosos ordenadores das relações sociais” (CARVALHO, 2019, p. 66). Essas representações, com diferenças contextuais, são marcos que aparecem também em nossa sociedade. As festas de quinze anos para as meninas, com todo o ritual de música, vestimenta, danças e convidados, demonstram a ordenação dos papéis em que cada um é inserido na ordenação social.

Na construção de um guerreiro militar há vários elementos que são familiares ao guerreiro indígena. O respeito à hierarquia, através da saudação da continência, demonstra as relações sociais ordenadas e o reconhecimento de alguém com um posto militar mais alto. Na comunidade, os anciãos têm essa prerrogativa de respeito, demonstrada na prioridade para falar, conduzir as conversas e nas ordens de trabalho na comunidade. O guerreiro indígena possui o seu arco e suas flechas, o guerreiro militar, o seu fuzil. A comunidade é o lugar de morada dos guerreiros, mas para o militar é o quartel e principalmente a sua companhia<sup>19</sup> e o seu pelotão<sup>20</sup>.

Ao ser inserido no quartel, o guerreiro indígena começa a associar os elementos militares para a construção simbólica do soldado. Roupas, sons de comandos, bandeiras, saudações militares, colocação entre “iguais” numa companhia, ajuntamento mais próximo nos pelotões e treinamento para todos. Ao entrar na tropa, o recruta recebe uma “cobertura”<sup>21</sup> que faz parte do uniforme. O que demonstra a passagem de um guerreiro indígena para um guerreiro militar é o recebimento da boina camuflada, símbolo de um soldado combatente de selva. Somente aqueles que

<sup>18</sup> Sargento é uma graduação militar, que nas FFAA faz a ligação entre a tropa e os oficiais.

<sup>19</sup> Companhia é a designação militar de um ajuntamento de vários pelotões, comandada por um oficial com a patente de capitão ou major.

<sup>20</sup> Pelotão é um ajuntamento de militares com cerca de vinte e cinco participantes, comandada por um tenente.

<sup>21</sup> Cobertura significa algo que vai acima da cabeça, podendo ser um boné, boina ou capacete. Todo militar deve ter uma cobertura.

passaram pelo período de treinamento básico e são de batalhões de selva, podem usar essa boina camuflada. Agora sim, a saudação “selva” demonstra que o processo de construção simbólica do guerreiro indígena para o guerreiro militar é um fato.

Através do guerreiro militar, ocorre a mediação cultural. Como visto, é uma classificação do “eu” e do “outro”. Nas missões de reconhecimentos ou de vigia dos marcos da fronteira, os grupos de combate entram em várias comunidades indígenas. O soldado é o “outro” na visão do indígena. A presença de soldados indígenas ameniza as diferenças de classificação cultural, portanto se tornam elos de ligação entre a cultura militar e a indígena. O soldado indígena é visto como “igual” (MONTERO, 2006, p. 31) pelos outros indígenas. A função de mediador cultural é uma das funções do guerreiro militar.

Através dos relatos de militares que trabalharam nos PEF em regiões das comunidades, vários conflitos foram evitados por causa da presença de soldados indígenas, que conheciam o cotidiano. Guerreiros militares, no caso dos indígenas, são soldados com uso pleno em combate na selva, elemento de segurança emocional e física ao seu pelotão e mediador entre as diferenças cotidianas dos militares e comunidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou traçar as relações entre o antigo, tradicional guerreiro indígena com o atual e contextualizado soldado indígena inserido no contexto do Exército Brasileiro. Através da análise cultural e da discussão da cosmovisão do povo Wapixana, passando pela elucidação de termos antropológicos pertinentes à pesquisa, as respostas às entrevistas dadas tanto pelos indígenas integrantes do 7º. BIS na região de Boa Vista (RR), como pelos oficiais e sargentos do mesmo batalhão confirmam que o indígena continua, ainda que fora das aldeias, a exemplo do que já dizia em 1851 Gonçalves Dias<sup>22</sup>, a buscar posição de honra, bravura e superioridade.

O cruzamento das respostas utilizando o método RAP de James Beebe (2001) ajudou na elucidação e complementação das respostas e consequentemente nas análises e achados. O período de entrevistas foi curto, respeitando as autorizações limitadas em tempo que foram conseguidas com as instâncias responsáveis. Entretanto, houve uma rica exposição de todo o processo que envolve o alistamento militar. Tal fato pode ser confirmado pela presença de várias culturas no processo de entrevistas. Os militares instrutores são de diferentes partes do país e também as diferentes etnias indígenas estavam representadas, formando um verdadeiro mosaico cultural.

A pesquisa revelou que há o envolvimento de vários órgãos para que o candidato indígena chegue ao recrutamento. As prefeituras de regiões administrativas tributáveis, através das JSM locais, as Organizações Militares, sejam as de treinamento e operações, até as administrativas e de comunicações. Todos atrelados ao sistema de alistamento militar, que é padronizado com o restante do país. Contudo, uma crítica deve recair sobre essa padronização, pois não se leva em consideração as diferenças culturais e formação acadêmica da região norte, distâncias e meios de transporte, principalmente entre as várias comunidades indígenas.

Há o reconhecimento, através das entrevistas com o grupo de oficiais e sargentos, que a participação de soldados indígenas, através de seus conhecimentos culturais, geográficos e de recursos em determinada região, contribui para o sucesso da maioria das missões, economia de recursos e de tempo. Contudo, a crítica recai sobre a perda do EB em material humano, e cultural por causa da padronização. Uma sugestão para estudos posteriores, poderia visar a descentralização do sistema de

---

<sup>22</sup> Em seu ilustre poema I-Juca Pirama, Gonçalves Dias narra e enaltece a honra do indígena como bravo guerreiro.

alistamento, baseada em uma necessidade das OM locais e a uma maior cooperação entre o EB e as comunidades indígenas.

Outro fator que dificulta o alistamento militar dos indígenas são os deslocamentos para as JSM. Em muitos casos, como nos PEF de Auaris, Surucucu e regiões onde vivem os Wapixana, Makuxi, Ianomami e Taurepang, as JSM estão localizadas num lugar fixo nas prefeituras, nas cidades. Mesmo com o uso da internet, muitos locais não têm acesso ao serviço digital. Num depoimento, um soldado indígena disse que sua comunidade era muito distante da prefeitura local, mas um agente da JSM foi fazer o alistamento com os jovens e isso garantiu o acesso à uma OM de Roraima. A compreensão que a região norte, carente de estradas e facilidades de transporte de outros lugares do país, poderia ser levada em consideração pelo poder público.

Diante das entrevistas dos recrutas e soldados, a esperança de futuro foi evidente. Devido ao trabalho de incentivo à carreira e aos estudos, feito pelos instrutores militares, os soldados indígenas estão olhando para o futuro. De acordo com a legislação pertinente, a carreira do soldado brasileiro dura, no máximo 8 anos. Terminar seu tempo nas forças armadas é um marco e o indígena, como pode ser observado nas transcrições das respostas, muitas vezes busca continuar na cidade em carreiras onde sua bravura e formação do exército possa ser aproveitada. Concursos para a Polícia Militar e Corpo de Bombeiros estão entre os objetivos. Apesar disso, a tônica é que buscam sempre melhorar sua condição econômica e ajudar suas famílias que muitas vezes permanecem nas aldeias de origem.

É importante ressaltar que em muitos lugares, os PEF são a única presença do Estado Brasileiro e vetor de transformação social. Esta temática poderia ser abrangida em estudos posteriores. As OM poderiam ser utilizadas como pontes entre cidadãos indígenas e organizações profissionalizantes, para suprir essas regiões de profissionais e para dar a oportunidade de alcançarem o futuro tão almejado.

As entrevistas revelaram que os Wapixana que estão no EB, afirmam dominar a noção de sua alteridade, cultura, importância na OM e contribuição para sucesso em muitas missões no interior de Roraima. O Exército, através do 7º BIS, tem a sua importância pois reforça e imprime nas vidas dos Wapixana e dos indígenas em geral, valores que os impelem a serem melhores soldados, cidadãos, exemplos para seus pares e para os jovens e no futuro. Como seus antepassados, guerreiros.

Tanto o EB quanto os Wapixana cumprem os seus papéis na sociedade, que não são antagônicos, mas complementares dentro do 7º BIS. Há a compreensão institucional e dos próprios soldados indígenas de que o lema descrito na placa de entrada na sede do 7º BIS “O melhor batalhão de selva do Brasil”, é verdadeiro.

Outros pontos podem ser levantados para pesquisas posteriores. Saberes e práticas do cotidiano garantem a sobrevivência dos povos indígenas em regiões de selva ou lugares muito isolados. O acesso aos recursos naturais que garantem a sobrevivência e a sua resiliência em ambientes inóspitos, principalmente para soldados não indígenas, estão na prática do cotidiano guerreiro indígena. Ao olhar para esses fatos, é possível vislumbrar que a construção do melhor guerreiro militar é em decorrência do treinamento militar de um guerreiro indígena.

Por que o EB não possui um batalhão exclusivamente de guerreiros militares, provenientes de comunidades indígenas de selva, a exemplo de outros países? Qual é construção ou mudanças sociais relevantes, depois do retorno do guerreiro militar para o cotidiano da comunidade? Como o EB é, em muitos lugares, a única presença do Estado Brasileiro, não poderia ser uma ponte da comunidade e de entidades proporcionem cursos profissionalizantes? A última sugestão é um estudo ou ensaio sobre a participação das comunidades e lideranças no alistamento militar de sua população jovem nas zonas fronteiriças.

## 6 REFERÊNCIAS

- BACHELAR, G. **A Espistemologia**. 1a. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2006.
- BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. **Teoria da Etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.
- CARNEIRO, J. P. J. A. **A morada dos Wapixana Atlas Toponímico da Região Indígena Serra da Lua - RR**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, São Paulo, 2008.
- CARVALHO, A. T. D. **Cainamé, a personificação do mal**. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós-graduação em Letras UFRR, Boa Vista, 2016. 85.
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- EB10. **Entrevista com soldados indígenas do 7º BIS**. Entrevista concedida ao mestrando Marcelo Massuo OKasawara. Boa Vista, RR, entre 12 e 14 de abril de 2023.
- EB11. **Entrevista com soldados indígenas do 7º BIS**. Entrevista concedida ao mestrando Marcelo Massuo OKasawara. Boa Vista, RR, entre 12 e 14 de abril de 2023.
- EB12. **Entrevista com soldados indígenas do 7º BIS**. Entrevista concedida ao mestrando Marcelo Massuo OKasawara. Boa Vista, RR, entre 12 e 14 de abril de 2023.
- EB16. **Entrevista com soldados indígenas do 7º BIS**. Entrevista concedida ao mestrando Marcelo Massuo OKasawara. Boa Vista, RR, entre 12 e 14 de abril de 2023.
- EB26. **Entrevista com soldados indígenas do 7º BIS**. Entrevista concedida ao mestrando Marcelo Massuo OKasawara. Boa Vista, RR, entre 12 e 14 de abril de 2023.
- EB28. **Entrevista com soldados indígenas do 7º BIS**. Entrevista concedida ao mestrando Marcelo Massuo OKasawara. Boa Vista, RR, entre 12 e 14 de abril de 2023.
- FARAGE, N. **A ética da palavra entre os Wapishana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300007&script=sci_abstract&tlng=pt)>.
- \_\_\_\_\_. **As Flores da Fala: práticas retóricas entre os wapishana**. Centro de Apoio à Pesquisa em História USP, 1997. 306. Disponível em: <<https://caph.fflch.usp.br/node/4154>>.
- \_\_\_\_\_. **As muralhas dos sertões. Os povos indígenas no rio Branco e a colonização**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.
- FLORES, E. C. **Nós e Eles: Etnia, Etnicidade e Etnocentrismo**. www.cchla.ufpb.br, 2018. ISSN Acesso em: 10 Dez. 2020. Disponível em: <[www.cchla.ufpb.br](http://www.cchla.ufpb.br)>.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. 3a. ed. Campinas: Alinea, 2003.

HARDMAN, F. F. **A vingança da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: UNESP, 2009. p. 1 a 31.

KWAST, L. E. **Entendimento o que é cultura**. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Realidade Conferência de Massey 1977**. Viseu - Portugal: Edições 70, 1987.

LIDÓRIO, R. **Comunicação e Cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LIMA, A. C. D. S. **O governo dos índios sob a gestão do SPI**. In: CUNHA, M. C. D. História dos Índios do Brasil. 1a. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1992. p. 155-177.

LIMA, F.de S.; LIMA, D. dos S. P. ; CAVALCANTE, O.de C. **O Sistema de Nomenclatura Wapichana: A corporalidade e a tessitura social da pessoa**. Revista Antropológicas. Ano 22, 29 (1):115-135. 2018.

LITTLE, P. E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade**. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, p. 251-290, 2004.

LUVIZOTO, C. K. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. Scielo Books, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/kkf5v/pdf/luvizotto-9788579830082-04.pdf>>. Acesso em: 8 agosto 2021.

MACHADO, A. M. **De Sonhos ao Oguatá Guassú em busca da (s) terra (s) isenta (s) de mal**. Belém: Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA, 2015. p. 209.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing [recurso eletrônico]: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MANDULÃO, G. et al. **Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando os Povos Macuxi e Wapichana de Roraima**. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva, Brasília, p. 66, 2012.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. São Paulo: Didática, v. 26/27, 1990/1991. p. 149-158.

MATTOS, C. L. G. D.; CASTRO, P. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Scielo Books (EDUEPB), Campina Grande, 2011. 49-83.

MAYA, M. F. I. **A influência do treinamento de selva do exército equatoriano no resultado do conflito do CENEP**. Escola de Comando e de Estado Maior do Exército - ECEME. Rio de Janeiro. 2016.



MELLO, A. H. D. et al. **O desmatamento e sua relação com o uso de ocupação dos solos nos assentamentos: um olhar sobre a Amazônia e sudeste paraense**. In: SILVA, E. M.; REPETTO, M.; TEIXEIRA, S. **Diálogos críticos sobre sociedade e estado: reflexões desde o Projeto de Cooperação Acadêmica na Amazônia**. 1a. ed. Boa Vista: Editora da UFRR/Campo dos Goytacazes, v. 1, 2020. p. 470.

MELO, L. M. D. **Fluxos Culturais e os Povos da cidade: entre os Macuxi e Wapichana de Boa Vista**. Dissertação (mestrado) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Mestrado Profissional em Preservação Cultural, Rio de Janeiro, 2012. 156.

MONTENEGRO FILHO, H. G. **"Waynau Iribennau!" Brasil e Guiana na construção da alteridade Wapixana**. Dissertação (Mestrado). Dados Internacionais de Catálogo na Publicação (CIP) Biblioteca Central da Universidade de Roraima UFRR, Boa Vista, 2016.

MONTERO, P. **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Globo, 2006.

MOREIRA, F. C. **Redes Digitais e a reconfiguração do habitar indígena Suruí**. [S.l.]. 2013. (Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

NETTO, M. **Contexto e uso das Mídias por populações Indígenas brasileiras: elementos que podem contribuir para a preservação e a disseminação do conhecimento tradicional em meios digitais e internet**. Tese de Mestrado, UFSC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167869>. Acessado em 18 Jan. 2021, 2016.

NÖTZOLD, A. L. V.; MAIA, D. M. D. S. Educação Wapixana: Ontem e hoje. **Revista do programa de Pós-graduação da UFSC**, São Carlos, 1999.

OKASAWARA, M.M. **O povo Wapixana na aldeia de Alto Arraia: Um estudo etnográfico através do Método Antropos**. Tese de Mestrado. Southeastern Baptist Theological Seminary. Wake Forest. 2019.

OLIVEIRA, A. R. D. **Tempos dos netos: abundância e escassez nas redes de discursos entre os Wapichana na fronteira Brasil-Guiana**. Tese de Doutorado UNB. Brasília: [s.n.], 2012.

OLIVEIRA, B. P. **Mídia Índio (s): comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação**. Rio de Janeiro: Laced, 2014.

OLIVEIRA, J. P. D.; FREIRE, A. D. R. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

\_\_\_\_\_. **O Índio e o mundo dos brancos**. 2a. ed. São Paulo: Pioneira, 1972.

\_\_\_\_\_. **Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: Sugestões para uma metodologia.** Revistas Americanas Indígenas. biblioteca.funai.gov.br, 1968. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/REVISTAS/americanaindigena/MFN-12442>. Acesso em: 10 julho 2021

PAPPIANI, A. **Eurocentrismo em Xeque.** Outras Palavras, 2018. ISSN Disponível em: <https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/tecnologias-indigenas-esplendor-e-captura/>. Acesso em 18 Jan. 2021.

PINTO, A. A. A "inclusão digital indígena" na Sociedade da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. Volume 1, n. Número 2, 2008.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade. In: FERNANDES, T. E. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 189-227.

SANTOS, B. da S. *Jornal de Letras*, 2018. Disponível em: <https://alice.ces.uc.pt/en/index.php/alice-info/boaventura-de-sousa-santos-as-fronteiras-entre-muros-e-travessias-jornal-de-letras-february-21-2018/?lang=pt>. Acesso em: 6 agosto 2021.

SANTOS, C. **Fronteiras entre Muro e Travessias.** Revista Zona de Impacto, 2009. Disponível em: [http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE\\_volum13.html](http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE_volum13.html). Acesso em: 14 Julho 2021.

SANTOS, F.V. dos. **O arco e o fuzil: a convivência entre os Ye'pâ e os militares do Exército Brasileiro em Pari-Cachoeira, Noroeste Amazônico.** Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, 1976, 331.

SANTOS, M. G. D. **Uma gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe.** Campinas: Biblioteca da IEL - Unicamp, 2006.

SANTOS, R. M. R. **Reflexões de Lideranças Macuxi e Wapichana sobre as Contribuições das TICS para os Projetos Indígenas Locais.** Tese de Doutorado. São Leopoldo, 2016. (Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6040?show=full>. Acesso em 18 Jan. 2021).

SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

SENADO, site. **Sistema S.** Sem data mencionada. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/sistema-s>. Acessado em 19 Ab. 2023.

SESTINI, A. E. **Interação Social e comunicação na primeira infância.** São Paulo, 2008.

SILVA, F. L. D.; PENA, H. W. A.; OLIVEIRA, F. D. A. **A dinâmica da ocupação da amazônia brasileira: do interesse político e econômico aos conflitos socioambientais**. Revista: Caribeña de Ciencias Sociales ISSN: 2254-7630 Eumed.net, 2015. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2015/01/conflitos-socioambientais.html>. Acesso em: 13 Julho 2021.

SILVA, G. S. D. Canuanim: Avanços e ajustes em contato com outras culturas (1960-2010). **Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia**, Manaus, 2013. 143.

SILVA, K. P. D.; GUEDES, A. L. Buen Vivir Andino: Resistência e/ou alternativa do modo hegemônico de desenvolvimento. **Cadernos EBRAPE.br**, 2017. Disponível em: <>. Acesso em: 14 Junho 2021.

SILVA, L. análise social Fredrik Barth. **analisesocial.ics.ul.pt**, 2016. ISSN issn online 2182-2999. Disponível em: <[http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS\\_219\\_obit03.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_219_obit03.pdf)>. Acesso em: 10 agosto 2021.

SILVA, O. S. Os Wapixáνας: uma situação de contato interétnico. **ILHA**, Florianópolis, 3, n. 1, novembro 2001. 51-69.

SILVA, O. S. Os Wapixáņas: uma situação de contato interétnico. **periodicos.ufsc.br - Ilha revista de Antropologia**, Florianópolis, 3, n. 1, novembro 2001. 51-69.

SOUTO, J. C. F.; PAIM, R. D. A.; FRANCHI, T. **As escolas de selva como fator de dissuação na Pan-Amazônia: análise de casos dos exércitos Equatorianos e Brasileiro**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 61-86, Jul/Dez 2018. ISSN ISSN2358-3932. Disponível em: <[http://ompv.eceme.eb.mil.br/images/geop/amazonia/analise\\_3.pdf](http://ompv.eceme.eb.mil.br/images/geop/amazonia/analise_3.pdf)>. Acesso em: 05 março 2022.

SOUZA, A. F. D. **Entre escritas e as Escrituras - Práticas letradas nas missões protestantes junto aos Waiwai em Roraima (1948-1984)**. Tese de Doutorado UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **O resgate das almas - A missão protestante entre os Yanomami no Território Federal do Rio Branco (1956-1963)**. Rio de Janeiro, 2003.

TRAÍRA 30 ANOS. Flávio Montenegro. Vídeo no canal do Youtube. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o0R9IRull5k>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

UNESCO. **Acesso à Internet no Brasil: Desafios para conectar toda a população**. Panorama Setorial da Internet, ano 8 número 1, p. 1 a 12, março 2016.

WAPICHANA, C. **Índios e a Tecnologia**. Entrevista concedida. Empresa Brasil de Comunicação. Brasília. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KA6qLQKAMfl>. Acesso em 18 Jan. 2021.

ZANETTI, D.; REIS, R. **Comunicação e territorialidade [recurso eletrônico]: poder e cultura, redes e mídas**. 1a. ed. Vitória: EDUFES, 2017.

## 7 APÊNDICES

### Apêndice A – Questionário Estruturado para soldados indígenas

Tabela 03: Questionário estruturado para soldados indígenas nas unidades militares do 7º Batalhão de Infantaria de Selva (7º BIS) – Boa Vista (RR)

item	Pergunta	
<b>Questões sociodemográficas</b>		
00	Número do entrevistado	
01	Quantos anos tem?	
02	Qual sua etnia e a qual comunidade pertence ou na qual tem parentes?	
03	Quais línguas você sabe falar?	
04	Qual é a sua fonte de sobrevivência/renda? E de sua família?	
05	Estudou até que série? Onde você estudou?	
06	Onde você morava quando se alistou no EB? Se morava na cidade, há quanto tempo morava?	
<b>Ingresso nas Forças Armadas</b>		
07	Onde você se alistou para o Exército?	
08	Na sessão de recrutamento, perguntaram se você era indígena?	
09	Como foi o processo de alistamento? Encontrou alguma dificuldade para se alistar?	
10	Pedi que alguém o ajudasse para que fosse aceito ou dispensado do serviço militar?	
<b>Cosmovisão comparativa</b>		
11	Há quanto tempo está no Exército Brasileiro?	
12	Qual seu posto (recruta, soldado engajado, cabo, taifeiro, etc...)?	
13	Qual seu posto? (recruta, soldado engajado, cabo, taifeiro, etc)?	
14	Como se sente sendo soldado?	
<b>Motivação para estar no Exército</b>		
10	O que mais motiva ou motivou em estar no Exército?	
11	Como tem sido a adaptação à rotina militar? Alimentação, disciplina... Quais aspectos são diferentes da vida na comunidade?	
12	Como tem sido seu processo de integração à tropa? Quais dificuldade vem encontrando? Como vem contornando essas dificuldades?	
<b>Aspectos sociais e étnicos de "ser soldado"</b>		
13	Ser soldado no EB mudou algo em sua vida? Financeiramente ou familiar?	
14	Como sua comunidade e parentes percebem sua participação no EB como militar?	
15	Você tem ou teve, parentes diretos ou amigos que eram do EB antes de você ingressar?	
16	Você vê alguma relação em ser soldado no EB e ser guerreiro na comunidade?	
17	Percebe alguma diferença de conhecimento entre você e outros soldados não indígenas?	

18	Qual a função/especialidade que você acha que seria mais fácil de adaptação para os jovens soldados indígenas?	
	Possibilidade de Futuro	
19	O que poderia ser feito pelo EB para facilitar a participação de indígenas nos seus quadros? Possibilidades de Futuro	
20	O fato de você servir no EB influencia sua função e posição social em sua comunidade hoje? Ou talvez após dar baixa?	
21	Gostaria de fazer algum comentário que acha importante?	

Apêndice B – Questionário Aberto para oficiais e sargentos do 7º. BIS.

1. Discorra sobre o assunto: A presença de indígenas na tropa do 7º. BIS.
2. O uso da FT, em Roraima, é para garantir a preservação do patrimônio nacional e segurança das pessoas nas regiões fronteiriças. Para isso, o EB precisa adentrar em comunidades indígenas, lavrado e região de selva. Poderia falar sobre a composição das FT no estado de Roraima?
3. Treinamento e capacitação militar são alguns atributos do 7º BIS. Como tem sido a eficácia dessas funções, diante da diversidade da tropa, seja cultural, línguas, costumes e tradições?
4. No 7º BIS, há alguma diretriz específica em como instruir, comandar, falar e respeitar a cultura dos indígenas? Poderia falar da experiência, como instrutor, diante dessa diversidade que está no seu dia a dia?
5. Discorra sobre cultura militar, formação de espírito de corpo e adestramento militar dos indígenas no 7º BIS.
6. Fale da sua visão do Exército para o indígena. Quem influencia quem? Como?
7. Haveria algum ganho para o EB se houvesse mais indígenas nos quadros militares? Fale sobre essa possibilidade, já que vivemos num estado com muitas etnias e grande população indígena.
8. Fator cultural x doutrina militar. Onde há convergência e divergência e como balancear diante do recrutamento de soldados indígenas?
9. Fale (abertamente) sobre a sua opinião, observação ou contribuição de soldados indígenas para o Exército Brasileiro.

## Apêndice C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL-** Marcelo Massuo Okasawara

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa “Das flechas ao fuzil: Inserção dos Wapixana no contexto do Exército Brasileiro em Roraima”. Essa pesquisa faz parte da complementação do curso de mestrado em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Um breve histórico se faz necessário. Historicamente os indígenas participam do Exército Brasileiro há muito tempo, contudo há poucas publicações que descrevem a política militar que abrange esses soldados conhecedores da demografia, geomorfologia e bioma das regiões fronteiriças do norte do Brasil. No estado de Roraima, a população indígena vive e conhece as regiões que fazem fronteira com outros países, além das características da região, que envolvem os rios, florestas, cerrados, terreno e sobrevivência nessa região. Por isso, a reunião de dados dos soldados indígenas pode ser importante para entender as doutrinas militares atuais da região fronteiriça. Essa doutrina poderia ser enriquecida ao se descrever os atuais protocolos de entrada, de engajamento nos pelotões, do treinamento militar, em contraste com o conhecimento e cultura inerentes aos moradores das diversas regiões que compõem as fronteiras brasileiras.

**OBJETIVOS:** Investigar a participação dos Wapixana no Exército Brasileiro no estado de Roraima e estabelecer a influência da representação simbólica do guerreiro Wapixana na construção do soldado aquartelado.

**PROCEDIMENTOS DA PESQUISA:** A participação de cada soldado é voluntária. O entrevistado responderá oralmente com suas palavras às perguntas. Cada participação é autorizada pelo comandante militar que o soldado pertence. O nome de cada entrevistado não aparecerá e nem será divulgado em hipótese alguma, mas servirá para identificação da pesquisa. Se o entrevistado autorizar, será gravado o som da entrevista. A entrevista será feita uma única vez, confidencial e terá o resguardo da privacidade de cada um.

Não haverá coleta de material biológico do participante, por isso serão desconsideradas as exigências de dizeres para o TCLE constantes no Anexo II da Norma Operacional 001/2013-CONEP/CNS em acordo com Resolução CNS 441/2011 e Portaria MS 2.201/11).

**DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA:** O entrevistado pode escolher o local, dentro do quartel, para a entrevista. Não existem respostas certas ou erradas, apenas as respostas que são do entendimento de cada soldado. Pode-se responder da forma como se fala, sem se preocupar com



a linguagem, pois pretende-se ouvir o que cada tem a dizer (conforme a experiência do entrevistador que trabalha com comunidades indígenas), na maneira como se fala no dia a dia nas comunidades ou nos quartéis militares.

**BENEFÍCIOS DA PESQUISA:** Identificar as possíveis formas e os motivos que levaram ao engajamento no EB e como são as regras ou critérios que o EB utiliza para destacar os soldados para suas diferentes unidades. A avaliação dessas informações podem ser disponibilizadas às unidades militares para adequar e melhorar a função e treinamento no uso de soldados indígenas na região fronteiriça.

**ESCLARECIMENTOS E DIREITOS:** este documento tem 2 vias e você tem o direito de receber uma via. Você tem o direito a todo o tempo necessário para tomar a decisão de participar ou não da pesquisa . Você tem o direito a ressarcimento de despesas que podem ocorrer para viabilizar sua participação na pesquisa. Caso haja alguma despesa, ela será custeada diretamente pelo entrevistador, no ato da geração da despesa. Caso seja constatado que a pesquisa lhe causou dano(s), você tem direito a receber indenização pelo(s) dano(s), através de um ofício ao comandante militar da unidade, que encaminhará diretamente à Universidade Federal de Roraima. A UFRR tomará as medidas cabíveis e constantes em seu estatuto. Caso você escolha não participar da pesquisa ou decida desistir/abandonar a pesquisa em qualquer etapa, não haverá qualquer prejuízo pessoal ou profissional por essa decisão. **A sua identidade será mantida em sigilo em todas as fases da pesquisa, inclusive na divulgação dos resultados.** Para assegurar sua anonimidade, seu nome ou qualquer tipo que o identifique não serão divulgados em hipótese alguma, mas ficarão à disposição do entrevistador até a conclusão do curso (março de 2023) e depois serão incinerados na presença de uma ou mais testemunhas da UFRR. Para assegurar a segurança no tratamento dos dados, os mesmos serão submetidos aos coordenadores do curso. Informamos à você que as agências reguladoras e comitês de ética em pesquisa podem pedir acesso aos dados da pesquisa e o mesmo será dado apenas dentro do centro de pesquisa, com a supervisão do pesquisador responsável. Caso haja algum patrocinador na pesquisa, esclarecer que apenas monitores e auditores do patrocinador terão acesso aos dados e o mesmo será dado apenas dentro do centro de pesquisa, com a supervisão do pesquisador responsável. O estudo poderá ser interrompido mediante aprovação prévia do Comitê de ética em pesquisa, para que seja assegurada a segurança do participante da pesquisa. **Você tem o direito ainda de ter esclarecidas quaisquer dúvidas relacionadas à pesquisa, a qualquer momento do processo.**

**O PESQUISADOR:** O pesquisador tem o compromisso ético, moral e científico de divulgar os resultados da pesquisa em meio científico, de fornecer acesso aos participantes aos resultados da pesquisa, mantendo o compromisso estrito do sigilo e anonimidade, mediante pedido e o que mais for pertinente acerca das responsabilidades do pesquisador em sua pesquisa

## Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, por me considerar devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvida, livremente expressei meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Data

**Contato do Pesquisador responsável: Marcelo Massuo Okasawara, Whatsapp (95) 98113 1192, email meookasawara@gmail.com**